

Organizadora

Maria Lúcia Jacob

Oficina de tradução do francês
traduzindo artigos sobre tradução

edição bilingue



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2019

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Normalização

Estella Vidotti

Preparação de originais

Ana Cláudia Dias Rufino

Bruna Honório

Diagramação

Ana Cláudia Dias Rufino

Revisão de Provas

Aline Almeida

Ana Cláudia Dias Rufino

ISBN

978-85-7758-371-3 (digital)

978-85-7758-370-6 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sommaire

Sumário

- 6 Présentation**
- 7 Apresentação**

Textes sur la traduction

Textos sobre tradução

- 12 Traduire pour relier les cultures**
Par Xavier North
- 13 Traduzir para entrelaçar as culturas**
Tradução por Berenice Ribeiro Teixeira
- 20 Au défi de la traduction**
Par Ioana Balacescu,
professeure à l'Université de Craiova
(Roumanie)
- 21 A tradução e seus desafios**
Tradução por Jozelma Ramos
- 28 Plaidoyer pour une identité**
Propos recueillis par Clément Balta
- 29 Em defesa de uma identidade reflexiva**
Tradução coletiva pela turma da disciplina
Oficina de tradução do Francês

- 36 Quand traduire devient crucial**
Par Nicolas Dambre
- 37 Quando traduzir passa a ser decisivo**
Tradução por Estella Vidotti
- 44 Ordinateurs poliglottes à la recherche de la traduction parfaite**
Par Sarah Nuyten
- 45 Computadores políglotas: em busca da tradução perfeita**
Tradução por Alex Kevin Ouessou Idrissou
- 52 Traduire sans trahir**
Par Christine Coste
- 53 Traduzir sem traír**
Tradução por José Luiz Avila Garcia

Théoriser sur la traduction **Teorizar sobre a tradução**

- 62 La théorie interprétative de la traduction**
Marianne Lederer
Professeure à l'Université de Paris III
(ESIT)
- 63 A teoria interpretativa da tradução**
Tradução por Rémi Caron e Bruno Raimalho
- 78 L'acte de traduction**
Mathieu Dosse
- 79 O ato de traduzir**
Tradução por Matheus Arruda e Fernanda Costa

Présentation

Nous avons le plaisir de présenter ici le résultat d'un travail effectué avec nos étudiants du cours Oficina de Tradução: francês, qui s'est déroulé au deuxième semestre de 2015 et au deuxième semestre de 2016, à la Faculté des Lettres de l'UFMG.

Il s'agit du troisième Caderno Viva Voz, faisant partie d'un projet comprenant quatre Cahiers : "Traduzindo notícias", le premier, "Traduzindo quadrinhos", le deuxième (vol. 1 et 2). En plus de celui-ci, "Traduzindo artigos sobre tradução", nous aurons aussi prochainement un quatrième Cahier, dédié à la traduction de textes littéraires.

Parmi les quatorze étudiants inscrits au cours de 2015, sept ont travaillé sur la traduction de textes sur la traduction. L'un de ces textes, « Plaidoyer pour une identité réflexive » / « Em defesa de uma identidade reflexiva » a été traduit par toute la classe ; cinq autres sont le fruit d'un travail individuel. Par ailleurs, nous tenons à souligner l'aide précieuse de l'étudiante Estella Vidotti, qui, à cette occasion-là, préparait son diplôme de Master 1 (Bacharelado) en Traduction et a fait la révision de la traduction de tous les textes, au fur et à mesure qu'ils ont été traduits. Quant au cours dispensé en 2016, deux étudiants ont travaillé ensemble sur le même texte, la traduction de l'article de Mathieu Dosse.

Dans notre cours, sous forme d'atelier, dispensé en 2015, nous avons choisi, pour aborder notre sujet d'étude, des textes sur la traduction extraits des numéros 386, de mars-avril 2013 ; 394, de juillet-août 2014 et 398, de mars-avril 2015, de la revue *Le Français dans le monde*, organe de la Fédération Internationale des Professeurs de Français (FIPF). Publiée aujourd'hui par Clé International, depuis 1961 cette revue s'adresse aux professeurs de français. Ces textes-là se trouvent dans la première partie de ce Cahier, intitulée « Textes sur la traduction ».

Dans la deuxième partie, intitulée « Théoriser sur la traduction », nous avons deux textes qui requièrent une lecture-compréhension plus approfondie et une plus grande réflexion. Nous y retrouvons le texte de Marianne Lederer, « La théorie interprétative de la traduction », élaborée par l'auteure elle-même et présentée dans ses lignes générales dans un article du numéro spécial de la revue

Apresentação

Temos o prazer de apresentar aqui o resultado de um trabalho efetuado com nossos alunos da disciplina Oficina de Tradução: francês, desenvolvido durante o segundo semestre de 2015 e no segundo semestre de 2016, na Faculdade de Letras da UFMG.

Trata-se do terceiro Caderno Viva Voz, que faz parte de um projeto que compreende quatro Cadernos: "Traduzindo notícias", o primeiro, "Traduzindo quadrinhos", o segundo (vol. 1 e 2). Além do atual "Traduzindo artigos sobre tradução", teremos também proximamente um quarto, voltado para a tradução de textos literários.

Entre os quatorze alunos matriculados na disciplina de 2015, sete trabalharam na tradução de textos sobre a tradução. Um desses textos, "Plaidoyer pour une identité réflexive"/"Em defesa de uma identidade reflexiva" foi traduzido em conjunto, por todos os alunos; outros cinco foram fruto de um trabalho individual. Aliás, convém salientar a ajuda preciosa da aluna Estella Vidotti, que, na ocasião, se preparava para obter o diploma de Bacharelado em Tradução e fez a revisão da tradução de todos os textos, à medida em que eram traduzidos pelos colegas. Quanto ao curso ministrado em 2016, dois alunos trabalharam juntos na tradução do mesmo texto, um artigo de Mathieu Dosse.

Na disciplina ministrada em 2015, escolhemos, para abordar nosso objeto de estudo, textos sobre a tradução tirados dos números 386, de março-abril 2013 ; 394, de julho-agosto 2014 e 398, de março-abril 2015, da revista *Le Français dans le monde*, da Federação Internacional dos Professores de Francês, (FIPF). Atualmente sendo publicada pela editora Clé International, desde 1961, essa revista destina-se aos professores de francês. Esses textos se encontram na primeira parte deste Caderno, intitulada "Textos sobre tradução".

Na segunda parte, intitulada "Théoriser sur la traduction"/"Teorizar sobre a tradução", temos dois textos que requerem uma leitura/compreensão mais aprofundada e uma reflexão maior. Nela encontra-se o texto de Marianne Lederer, "La théorie interprétative de la traduction"/"A teoria interpretativa da tradução", teoria esta elaborada pela própria autora e apresentada em linhas gerais em um artigo do número especial da revista

Le Français dans le monde « Retour à la traduction », d'août-septembre 1987.

Quant au deuxième texte, « L'acte de traduction », il est signé par Mathieu Dosse, auteur de *Poétique de la lecture des traductions : Joyce, Nabokov, Guimarães Rosa* (Garnier, 2016) et traducteur de *Estas estórias*, livre de contes de Guimarães Rosa, en français : *Mon oncle le jaguar & autres histoires* (éd. Chandeignes, 2016), pour lequel d'ailleurs il a reçu le Grand prix de traduction de la ville d'Arles 2016 et le prix Books-Gulbenkian 2017.

Il s'agit d'un résumé/commentaire du livre d'Antoine Berman intitulé *L'âge de la traduction*, qui, à son tour, est aussi un commentaire de « La tâche du traducteur », de Walter Benjamin. Dans cet article, trouvé au hasard sur le site Fabula et publié en février 2009, nous avons un aperçu de la pensée de ces deux penseurs/traducteurs renommés qui ont écrit sur la traduction et l'ont pratiquée.

Il nous a semblé opportun de partager le fruit de ce travail avec tous ceux ou celles qui s'intéressent à l'enseignement/apprentissage du français et aux études concernant la traduction. Nous espérons donc que ces exercices de traduction ainsi que ces approches théoriques pourront être utiles à nos étudiants et à ceux qui les suivront.

Bonne lecture!

Maria Lúcia Jacob

Le Français dans le monde intitulado "Retour à la traduction"/"Retorno à tradução", de agosto-setembro de 1987.

Quanto ao segundo texto, "L'acte de traduction"/"O ato de traduzir", foi escrito por Mathieu Dosse, autor de *Poétique de la lecture des traductions: Joyce, Nabokov, Guimarães Rosa* (Garnier, 2016) e tradutor de *Estas estórias*, livro de contos de Guimarães Rosa, em francês: *Mon oncle le jaguar & autres histoires* (éd. Chandeignes, 2016), pelo qual, aliás, recebeu o Grand prix de traduction de la ville d'Arles 2016 e o prêmio Books-Gulbenkian 2017.

Trata-se de uma resenha/comentário do livro de Antoine Berman intitulado *L'âge de la traduction*, que, por sua vez, é também um comentário de "La tâche du traducteur", de Walter Benjamin. Nesse artigo, encontrado por acaso no site Fabula, e publicado em fevereiro de 2009, temos um *aperçu* do pensamento desses dois pensadores/tradutores bastante conhecidos que escreveram sobre a tradução e praticaram-na.

Pareceu-nos oportuno compartilhar este trabalho com todos e todas que se interessam pelo ensino/aprendizagem do francês e pelos estudos relacionados com a tradução. Esperamos, pois, que esses exercícios de tradução, assim como as abordagens teóricas, possam ser úteis a nossos alunos e aos que os sucederão.

Boa leitura!

Maria Lúcia Jacob

Textes sur la traduction

Textos sobre tradução

Traduire pour relier les cultures

Par Xavier North

Xavier North, délégué général à la langue française et aux langues de France, poursuit pour Le français dans le monde le commentaire des messages clés de sa délégation. Illustrés par le graphiste Joël Guenoun dans un court métrage accessible sur la page d'accueil du site www.dglf.culture.gouv.fr, ces quelques slogans dessinent en pointillés une politique des langues. Dans cette livraison, il revient (dans le prolongement de son propos précédent) sur la traduction, à laquelle le FDLM avait consacré un dossier dans son numéro 386 de mars-avril 2013.

Pas de dialogue culturel sans compréhension réciproque : en faire le constat, c'est aussitôt plaider pour que soit prise en compte la dimension linguistique de l'échange entre les cultures. Comprendre l'autre dans sa singularité – et accéder à ses œuvres ou à ses productions culturelles – suppose en effet (pour autant que celles-ci aient recours au langage comme mode d'expression, comme c'est le cas pour les textes de la littérature ou de la pensée, les œuvres audiovisuelles, théâtrales ou lyriques) de disposer de compétences linguistiques partagées, au moins « réceptives » (parler ou, au minimum, comprendre la langue du partenaire).

Mais quand on n'en dispose pas, on peut aussi accéder au sens grâce à la traduction, sous diverses formes (traduction proprement dite, interprétation, doublage, sous-titrage, surtitrage, etc.) – sauf à ce que ces œuvres et ces productions restent inintelligibles et que la diversité des langues ne fasse ainsi obstacle au développement du dialogue interculturel.

En Europe, l'acquisition de compétences linguistiques partagées fait l'objet d'une politique spécifique de promotion du multilinguisme, depuis la déclaration de Barcelone (2002), qui préconise l'apprentissage de deux langues étrangères, en plus de la langue maternelle. La traduction mérite en revanche un effort particulier, dans la mesure où elle peut être considérée, non pas comme une alternative à la connaissance des langues, mais comme un moyen supplémentaire de développer la compréhension

Traduzir para entrelaçar as culturas

Tradução por Berenice Ribeiro Teixeira

Xavier North, delegado geral da língua francesa e das línguas da França, continua em Le français dans le monde comentando as mensagens-chaves de sua delegação. Ilustrados pelo grafista Joël Guenoun em um curta-metragem acessível na página de abertura do site www.dglf.culture.gouv.fr, esses slogans mostram discretamente uma política das línguas. Neste texto (continuando o que dissera anteriormente) ele volta a dialogar sobre a tradução, à qual a FDLM havia dedicado um dossiê no seu número 386 de março-abril de 2013.

Nada de diálogo cultural sem compreensão recíproca: fazer tal constatação significa garantir que a dimensão linguística do diálogo entre as culturas seja respeitada. Compreender o outro em sua singularidade – e aceder a suas obras ou a suas produções culturais – supõe na verdade (contanto que estas recorram à linguagem como modo de expressão, como é o caso dos textos da literatura ou da filosofia, as obras audiovisuais, teatrais ou líricas) que se disponha de competências linguísticas compartilhadas, ao menos “receptíveis” (falar ou, no mínimo, compreender a língua do interlocutor).

Mas quando não dispomos disso, nós podemos também chegar ao sentido graças à tradução, sob diversas formas (tradução propriamente dita, interpretação, dublagem, legendagem, supralegendagem etc.) – exceto no caso em que estas obras e estas produções estejam ininteligíveis e que a diversidade das línguas seja um obstáculo ao desenvolvimento do diálogo intercultural.

Na Europa, a aquisição de competências linguísticas compartilhadas é objeto de uma política específica de promoção do multilinguismo, desde a declaração de Barcelona (2002), que preconiza a aprendizagem de duas línguas estrangeiras, além da língua materna. Por outro lado, a tradução merece um esforço particular, na medida em que ela pode ser considerada, não como uma alternativa para o conhecimento das línguas, mas como mais um meio de desenvolver a compreensão

et l'échange, ne serait-ce qu'en raison de l'impossibilité, pour un individu, de développer des compétences actives dans un grand nombre de langues.

Exercice

Mais il n'y va pas seulement du dialogue entre les cultures. De la traduction, on a souvent une vision réductrice, et purement instrumentale, comme si elle se limitait à faire passer des significations d'une langue à l'autre. Or elle a aussi une autre fonction, trop souvent méconnue, qui est de maintenir la langue de départ, la langue source, « en état d'exercice ». Le rapport de forces entre les langues est tel aujourd'hui que si les chercheurs français, par exemple, n'ont pas l'assurance, grâce à la traduction, d'être compris d'un lectorat non francophone, ils renonceront à terme à publier et plus généralement à « penser » en français – c'est-à-dire à produire des concepts dans notre langue. Le maintien d'une pensée française dans les sciences humaines et sociales n'est donc pas seulement un enjeu majeur pour l'influence française dans le monde, mais aussi pour l'emploi du français en France même, dans un secteur crucial pour la vie intellectuelle et culturelle de notre pays – et la remarque vaut à l'évidence pour toutes les langues productrices de savoir, de culture, ou de « pensée ». À vrai dire, quelle langue ne l'est pas ?

De ce point de vue, il est faux de dire que la traduction est ce qui permet de s'affranchir de la différence des langues : c'est au contraire ce qui la fait vivre. En permettant à la fois de préserver les langues dans leur fonctionnalité et, par définition, de faire passer des idées d'une langue à l'autre, la traduction joue ainsi un rôle fondamental pour préserver la diversité culturelle et linguistique tout en favorisant les échanges, et chacun comprend pourquoi : dans un monde où toutes les langues sont (et seront de plus en plus) en contact avec toutes les langues, le risque est grand, pour les langues de moindre diffusion d'être écrasées par les langues centrales, les langues centrales par la langue hyper centrale. Ce risque ne peut être déjoué que par la traduction, qui permet, sinon de renverser les rapports de force, du moins de le corriger. C'est pourquoi elle est pour nous aujourd'hui la clé de voûte d'une politique de la langue ou plutôt des rapports entre les langues.

e o intercâmbio, ao menos pela impossibilidade, para um indivíduo, de desenvolver competências ativas em um grande número de línguas.

Exercício

Mas não se trata apenas de diálogos entre culturas. Temos, muitas vezes, sobre a tradução, uma visão redutora, e puramente instrumental, como se ela se limitasse a fazer passar os significados de uma língua a outra. Ora, ela tem também uma outra função, muitas vezes desconhecida, que consiste em manter a língua de partida, a língua fonte, "em estado de exercício". A relação de forças entre as línguas é tamanha hoje em dia que se os pesquisadores franceses, por exemplo, não tiverem a certeza, graças a tradução, de serem compreendidos por leitores não francófonos, eles renunciarão progressivamente a publicar e, de maneira mais geral, a "pensar" em francês – isto é, produzir conceitos na nossa língua. A manutenção de um pensamento francês nas ciências humanas e sociais não é, pois, apenas um desafio importante para a influência francesa no mundo, mas também para o emprego do francês na própria França, em um setor crucial para a vida intelectual e cultural do nosso país – e isso vale, sem dúvida, para todas as línguas produtoras de conhecimento, de cultura e de "saber". Na verdade, qual língua não o é?

Deste ponto de vista, é falso dizer que a tradução é o que permite eliminar a diferença das línguas: é, pelo contrário, o que a faz viver. Permitindo ao mesmo tempo a preservação das línguas na sua funcionalidade e, por definição, fazer passar as ideias de uma língua para outra, a tradução desempenha assim um papel fundamental para preservar a diversidade cultural e linguística e ao mesmo tempo favorecer o intercâmbio, e pode-se compreender o porquê: em um mundo onde todas as línguas estão (e estarão cada vez mais) em contato com todas as línguas, o risco é grande, para as línguas de menor difusão, de serem esmagadas pelas línguas centrais; as línguas centrais pela língua hipercentral. Tal risco só pode ser evitado pela tradução, que permite, senão reverter as relações de força, ao menos, corrigi-las. É isso que ela representa para nós, a pedra angular de uma política da língua, ou melhor, das relações entre as línguas.

« Erasmus des idées »

Depuis l'origine, la construction européenne s'est assignée pour mission de faire circuler les biens, les marchandises et les capitaux (marché unique) puis les personnes (programmes de mobilité) à l'intérieur d'un espace dont les frontières sont progressivement tombées. Il est paradoxal que l'Union ne se soit pas donnée la même ambition dans le domaine des idées, des savoirs ou des expressions culturelles et artistiques, en les faisant circuler d'une langue à l'autre par d'ambitieux projets d'aide à la traduction. Plus que sur les différents « secteurs » de la culture, qui relèvent de la responsabilité des États, c'est sur les modalités de l'échange, en effet, que l'Union européenne est en droit d'intervenir à l'échelon supranational, sans pour autant contrevenir au principe de subsidiarité : par définition, la traduction ne concerne jamais un seul État, et lorsqu'elle implique une des langues parlées par le plus grand nombre de locuteurs en Europe (l'anglais, l'allemand et le français), elle en concerne en général plus de deux. Elle a certes un coût, mais ce coût est sans commune mesure avec les coûts sociaux, politiques et culturels de l'imposition d'une langue unique.

C'est pourquoi l'Union européenne serait bien inspirée d'imprimer à ses politiques en faveur du multilinguisme un tournant décisif, en donnant une cohérence d'ensemble à des aides que leur dispersion actuelle dans plusieurs programmes européens rend difficilement lisibles. Un « Erasmus des idées », qui prendrait la forme d'un vaste plan de soutien à la traduction, trouverait sans doute un large écho en Europe : si les partenaires de l'Union sont par définition favorables au développement des échanges, aucun des États membres n'est insensible à la préservation de sa langue, au maintien de son influence, à son rôle dans l'exercice de la citoyenneté, à sa capacité à exprimer les réalités du monde contemporain. Sans une politique de la langue ou des langues, qui permette à la fois de préserver les identités linguistiques et de favoriser leur rencontre, leur confrontation, leur compréhension réciproque, leur évolution, bref leur coexistence, une langue unique pourrait bien finir par s'imposer. Et le défi qui est le nôtre est aujourd'hui de susciter un effort collectif pour organiser la diversité, c'est-à-dire pour permettre le

"Erasmus das ideias"

Desde sua origem, a construção europeia se propôs como missão fazer circular os bens, as mercadorias e os capitais (mercado único) e depois as pessoas (programas de mobilidade) dentro de um espaço onde as fronteiras caíram progressivamente. Paradoxalmente a União Europeia não teve a mesma ambição no âmbito das ideias, dos saberes ou das expressões culturais e artísticas, fazendo-as circularem de uma língua para outra através de ambiciosos projetos de ajuda à tradução. Mais do que nos diferentes "setores" da cultura, que são de responsabilidade dos Estados, é nas modalidades de intercâmbio, na verdade, que a União Europeia tem o direito de intervir no nível supranacional, sem, no entanto, contrariar o princípio de subsidiaridade: por definição, a tradução não diz respeito a um único Estado, e quando ela envolve uma das línguas faladas pelo maior número de locutores na Europa (o inglês, o alemão e o francês), ela diz respeito em geral a mais de dois Estados. Ela tem certamente um custo, mas esse custo não se compara aos custos sociais, políticos e culturais com a imposição de uma língua única.

Eis por que a União Europeia deveria imprimir às suas políticas em favor do multilinguismo uma mudança decisiva, dando uma coerência global às ajudas atuais em vários programas europeus cujas dispersões tornam dificilmente legíveis. Um "Erasmus das ideias", que teria a forma de um vasto plano de apoio à tradução, teria sem dúvida um grande impacto na Europa: se os parceiros da União são, por definição, favoráveis ao desenvolvimento de intercâmbios, nenhum dos Estados Membros é insensível à preservação de sua língua, à manutenção de sua influência, a seu papel no exercício da cidadania, à sua capacidade de expressar as realidades do mundo contemporâneo.

Sem uma política da língua ou das línguas que permita ao mesmo tempo a preservação das identidades linguísticas e o favorecimento do encontro, confrontação, compreensão recíproca, evolução, enfim, da coexistência entre elas, uma língua única poderia acabar por se impor. E nosso desafio hoje é o de suscitar um esforço coletivo para organizar a diversidade, ou seja, para permitir a

passage d'une langue à l'autre tout en préservant leur fonctionnalité, ce qui implique de substituer à un régime « vertical » de tête à tête de chacune de nos langues nationales avec l'anglais (par ailleurs évidemment indispensable pour nos relations avec le monde anglo-saxon) un régime « horizontal » de passerelles ou de réseaux tissés entre le plus grand nombre possible de langues, y compris bien sûr l'anglais. Ce régime a un nom : c'est la traduction.

passagem de uma língua à outra, preservando ao mesmo tempo sua funcionalidade, o que implica na substituição de um regime “vertical”, face a face de cada uma de nossas línguas nacionais com o inglês (aliás, evidentemente, indispensável para nossas relações com o mundo anglo-saxão), por um regime “horizontal” de passarelas ou de redes tecidas entre o maior número possível de línguas, inclusive, é claro, o inglês. Esse regime tem um nome: tradução.

Referência do texto original

NORTH, Xavier. Traduire pour relier les cultures. *Le français dans le monde*, Paris : FIPF/CLE international, n° 394, p.30-31, juillet-août 2014.

Au défi de la traduction

Par Ioana Balacescu,
professeure à l'Université de Craiova (Roumanie).

Confronter la pensée d'un éminent philosophe, Paul Ricœur, avec les théories des spécialistes en traductologie, qui abordent la question sous un angle plus concret et à partir d'une pratique, permet de mieux fixer les fondements de la méthodologie à mettre en œuvre avec les étudiants.

Dans sa conférence « Défi et bonheur de la traduction » (qu'on retrouve dans l'ouvrage *Sur la traduction*), Paul Ricœur voit la traduction comme un défi pour le traducteur dans la mesure où celui-ci, d'une part, veut rester « fidèle » à l'original et, d'autre part, est condamné à la « trahison », en raison de la diversité des structures linguistiques en présence. Il ne trouvera le « bonheur » que s'il accepte cette trahison. Son bonheur résiderait ainsi dans « l'hospitalité langagière » qu'il accorde au texte de départ.

« Alors, comment font-ils ? »

Dans une autre de ses conférences, « Le paradigme de la traduction » (in *op. cit.*), Ricœur revient sur l'opposition « intraduisibilité vs traduisibilité », qu'il juge dépassée puisque malgré ce que les théoriciens ont pu dire sur la diversité des structures linguistiques, il faut bien constater que la traduction se « fait ». Et Ricœur d'arriver à la constatation qu'il faut remplacer cette opposition par l'opposition « fidélité vs trahison ». « Trahison », parce qu'il manque un critère d'évaluation pour la « fidélité » de la traduction. Un tel critère serait donné par un *tertium comparationis*, permettant de « comparer le texte de départ et le texte d'arrivée à un troisième texte qui serait porteur du sens identique supposé circuler du premier au second ». Mais Ricœur conseille au traducteur de faire un « travail de deuil » et de « renoncer à l'idéal même de traduction parfaite » : « une bonne traduction ne peut viser qu'à une équivalence présumée, non fondée dans une identité de sens démontrable. » « Et la seule façon de critiquer une traduction, c'est d'en proposer une autre présumée, prétendue, meilleure ou différente. »

A tradução e seus desafios

Tradução por Jozelma Ramos

Confrontar o pensamento de um eminente filósofo, Paul Ricoeur, com as teorias dos especialistas em tradutologia, que abordam a questão de um ponto de vista mais concreto e a partir de uma prática, permite fixar melhor os fundamentos da metodologia a ser utilizada com os alunos.

Em sua conferência "O desafio e o prazer de se fazer tradução" (publicada no livro *Sobre a tradução*), Paul Ricoeur vê a tradução como um desafio para o tradutor, na medida em que, por um lado, deve ser "fiel" ao texto original e, por outro, o tradutor está condenado a "trair" esse texto, devido à diversidade de estruturas linguísticas presentes nele. No entanto, o tradutor jamais sentirá o "prazer" do seu trabalho, se ele se sentir como um "traidor" do texto original, pois a criatividade desse profissional reside, justamente, nos "ajustes de linguagem" permitidos pelo texto do qual ele parte.

"Então, como fazer?"

Em outra de suas conferências, "O paradigma da tradução" (da obra citada), Ricoeur discute sobre a oposição entre "intraduzível" e "traduzível", a qual ele julga ultrapassada, pois, não obstante aquilo que os teóricos já disseram sobre a diversidade das estruturas linguísticas, é evidente que a tradução irá ocorrer. Então, Ricoeur chega à conclusão que se deve substituir a referida oposição entre "fidelidade" e "traição", pois não existe um critério de avaliação para o conceito de "fidelidade" de uma tradução. Talvez, um dos critérios seria comparar o texto inicial e sua tradução a um terceiro, o qual teria a mesma temática desses outros dois textos. Mas Ricoeur aconselha o tradutor a fazer um *travail de deuil*, ou seja, "aceitar a perda" e renunciar ao ideal da tradução perfeita. "Uma boa tradução só pode almejar ter uma certa equivalência, que não seja baseada em uma unidade de sentido possível de ser demonstrada. A única maneira de criticar uma tradução é propor uma outra que se pretende melhor ou diferente."

Dans le dernier texte, inédit, de l'ouvrage cité intitulé « Un "passage" : traduire l'intraduisible », Ricœur revient sur le « *dilemme fidélité/trahison [qui] se pose comme dilemme pratique parce qu'il n'existe pas de critère absolu de ce que serait la bonne traduction* ». Face à ce dilemme, Ricœur pose la question du « faire » des traducteurs : « *Alors, comment font-ils ?* » Eh bien : ils acceptent de ne « *viser qu'à une équivalence présumée, non fondée dans une identité de sens démontrable, une équivalence sans identité* ». Ainsi, dans un dépassement, le traducteur transcende-t-il l'opposition fidélité/trahison pour aboutir à une nouvelle définition de la traduction qui comprend ces deux éléments : la traduction, c'est la « *construction d'un comparable* ».

Attention à ne pas décourager les étudiants

Avec ce terme de « construction », Ricœur introduit pour la première fois la notion de créativité dans sa conception de la traduction. Il y voit à la fois la « *grandeur de la traduction* » et le « *risque de la traduction* », sans toutefois renoncer à l'idée d'une trahison : « *trahison créatrice de l'original, appropriation également créatrice par la langue d'accueil ; construction du comparable.* »

Envisager la créativité du traducteur uniquement sous l'aspect d'une trahison, ne me permet pas, à moi, didacticienne de la traduction, de motiver les apprentis-traducteurs et de les encourager à la créativité, ce qui me semble une urgence prioritaire, tant ils sont trop attachés à une fidélité (mal comprise) aux mots du texte. Cette idée de « trahir », paralyse en effet le traducteur en voie de formation et lui fait abandonner les solutions, souvent « heureuses », à des problèmes de traduction qui ne peuvent être résolus que par des solutions créatives.

Prendre en compte la fonction du texte

Ce que Ricœur qualifie de « *sempiternelle question : faut-il traduire le sens ou traduire les mots ?* » n'est plus un objet de débat pour les traductologues contemporains. On ne traduit pas la « langue », mais la « parole », pour reprendre une autre dichotomie saussurienne. La parole

No seu último texto, inédito, da referida obra, intitulado "Uma passagem: traduzir o intraduzível", Ricœur analisa novamente a dicotomia "fidelidade/traição", a qual se coloca como um dilema na prática da tradução, pois não existe um critério absoluto sobre o que seria uma boa tradução. Diante desse dilema, Ricœur questiona o trabalho dos tradutores: "Então, como fazer uma tradução?" E conclui: Pois bem, eles (os tradutores) aceitam ter como objetivo apenas uma equivalência aproximada, não fundada em uma identidade de sentido possível de ser demonstrada, uma equivalência sem identidade.

Assim, o tradutor transcende a dicotomia fidelidade/traição, o que resultará em uma nova definição de tradução, a qual é composta por dois elementos: A tradução é a "construção de uma comparação".

Cuidado para não desencorajar os estudantes

Com esse termo de "construção", Ricœur introduz pela primeira vez a noção de criatividade, dentro de uma concepção de tradução, na qual ele observa tanto a "grandeza da tradução" como o "risco da tradução" sem, todavia, abandonar a ideia de uma "traição": "traição" criativa do original, apropriação igualmente criadora da língua receptora; construção do comparável.

No entanto, ter em vista a criatividade do tradutor, unicamente sob o viés da traição, não me permite, a mim, enquanto professora de tradução, motivar os estudantes e os encorajar à criatividade, o que me parece ser, sobretudo, urgente; pois os estudantes ficam presos a uma certa fidelidade (mal compreendida) às palavras do texto original. Esta ideia de "traição" paralisa, efetivamente, o tradutor em formação, e o faz abandonar as soluções, frequentemente boas, para problemas de tradução que só podem ser resolvidos por uma solução criativa.

Considerar a função do texto

Aquilo que Ricœur qualifica como "a eterna questão": "É mais importante traduzir o sentido ou as palavras?", não é mais uma questão em debate para os estudiosos da tradução contemporâneos. Não se traduz a "langue" mas a "parole", para fazer referência à dicotomia saussuriana. A "parole"

se manifeste dans le texte, et dans le texte le sens du mot est fonction du contexte. Qui plus est : le texte lui-même a une fonction, et il faut traduire en fonction de cette fonction. Il est évident qu'un texte poétique – à la traduction duquel s'appliqueront sans nul doute certaines remarques que fait Ricœur à propos du côté sonore des mots – sera à traduire autrement qu'un texte publicitaire, destiné à convaincre de l'achat d'un produit, ou encore qu'un texte informatif qui relate un fait économique ou politique.

C'est pourquoi, dans une typologie de textes pertinente pour le traducteur, il faut distinguer au moins trois types de textes, en se basant sur les trois fonctions fondamentales du langage dégagées par le linguiste Karl Bühler : les fonctions expressive, représentationnelle et appellative.

Traduire le sens

La pensée de la représentante herméneute en traductologie, Radegundis Stolze, est plus résolument tournée vers la traduction du sens. Et ce sens n'est pas *dans* le texte, mais se construit dans un processus de ce que le philosophe Hans-Georg Gadamer a appelé la « *Horizontverschmelzung* » (la fusion des horizons), processus dans lequel intervient, en bonne tradition herméneutique, le vécu du traducteur, enregistré dans sa mémoire longue et interpellé par les éléments du texte. Un vécu non seulement *sine qua non* de sa compréhension du texte, mais qui influence encore cette compréhension, de sorte que pour le traducteur herméneute il n'y a pas de traduction objective : « *Le traducteur traduit ce qu'il comprend.* » Aussi la conscience du caractère subjectif de sa traduction ne doit-elle jamais le quitter. Elle doit trouver sa confirmation dans les résultats obtenus par les chercheurs cognitivistes qui, comme Lakoff, condamnent ce que celui-ci appelle « *le mythe de l'objectivisme dans la philosophie et la linguistique occidentales* », recherches qui ne peuvent fraterniser avec une traduction mot à mot qui se voudrait objective jusqu'à respecter la « lettre ». En conséquence de quoi, cette attitude du traducteur telle que la considère Radegundis Stolze fait que toute traduction ne sera jamais qu'un « *tentativer Entwurf* », une tentative de projet, qui gardera toujours son caractère inachevé.

se manifesta no texto e, no texto, o sentido da palavra está em função do contexto. Além do mais, o texto tem uma função, e é necessário traduzir em função dessa função. É evidente que a tradução de um texto poético – para cuja tradução poderão ser usadas algumas observações que fez Ricœur sobre a sonoridade das palavras – será traduzido diferentemente de um texto publicitário, destinado a convencer da compra de um produto, ou ainda de um texto informativo, o qual relata um fato econômico ou político.

É por isso que, dentro de uma tipologia de textos que seja pertinente para o tradutor, é necessário distinguir pelo menos três tipos de texto, os quais se baseiam em três funções fundamentais da linguagem desenvolvidas pelo linguista Karl Bühler: as funções expressiva, representacional e apelativa.

Traduzir o sentido

Os estudos da especialista em tradutologia, Radegundis Stolze, são totalmente voltados para a tradução do sentido. E este sentido não está no texto, mas se constrói dentro de um processo que o filósofo Hans-Georg Gadamer denomina *Horizontverschmelzung* (fusão de horizontes), processo no qual intervém, de acordo com a boa tradição hermenêutica, a vivência do tradutor, registrada em sua longa memória e questionada pelos elementos do texto. Uma vivência não somente *sine qua non* de sua compreensão do texto, mas que influencia também essa compreensão, de tal maneira que para o tradutor hermenêutico não há tradução objetiva: “O tradutor traduz aquilo que compreende”. Desse modo, a consciência do caráter subjetivo de sua tradução não deve nunca deixá-lo. Ela deve encontrar sua confirmação nos resultados obtidos pelos pesquisadores cognitivistas que, como Lakoff, condenam aquilo que é denominado “o mito do objetivismo na filosofia e na linguística ocidental”, pesquisas que não podem consentir com uma tradução palavra por palavra, que teria o objetivo de respeitar a *lettre*. Como consequência disso, esta atitude do tradutor, tal como a considera Radegundis Stolze, faz com que toda tradução não seja nada além de uma “*tentativer Entwurf*” (tentativa de projeto), o qual preservará sempre sua característica inacabada.

Bibliographie

BALACESCU, Ioana ; STEFANINK, Bernd. Apports du cognitivisme à l'enseignement de la créativité en traduction. *META*, v. 50, n 4, déc. 2005. (Publié sur un cédérom joint).

BÜLHER, Karl. *Théorie du langage*. Traduction de Didier Samain. Marseille : Agone, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. *Vérité et méthode*. Paris : Aux Éditions Du Seuil, 1976.

LAKOFF, George ; JOHNSON, Mark. *Les Métaphores dans la vie quotidienne*. Paris : Les éditions de Minuit, 1986.

RICŒUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris : Bayard, 2004.

STEFANINK Bernd. Traduire : de la théorie à la pratique. *Le français dans le monde*, Paris, n. 254, p. 65-68, jan. 1993.

STOLZE, Rade Gundis. *Hermeneutik und Translation*. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2003.

Referência do texto original

BALECESCU, Iona. Au défi de la traduction. *Le français dans le monde*, Paris : FIPF/CLE international, n. 398, p. 28-29, mars-avr. 2015.

Plaidoyer pour une identité réflexive

Propos recueillis par Clément Balta

Comment apprécier positivement le fait d'être « entre » ? Entre des pays, des identités, des cultures, entre des langues enfin ? C'est cette situation intermédiaire qu'a vécue Heinz Wismann et qu'il décrit dans son dernier ouvrage, Penser entre les langues.

Avant de « penser entre les langues », vous avez très tôt vécu entre les langues.

Heinz Wismann : Tout commence avec l'exil. L'exil peut aussi être une chance. Ma mère, ma sœur et moi avons fui les bombardements russes sur Berlin, où j'ai grandi. J'avais 7 ans et nous nous sommes réfugiés à la campagne. Rejeté car venant de la ville, j'y étais très seul. Je me suis mis à lire pour meubler le temps. La lecture était devenue un refuge. Mais surtout, le village où je me trouvais était à côté d'un camp d'Italiens assignés à résidence qui s'ennuyaient à mourir. Ils m'ont pris sous leurs ailes. Le jeu, pendant un an, à consister à m'apprendre l'italien. C'est là ma première vraie rencontre avec une langue étrangère, cela grâce à un double exil : le mien et celui des Italiens.

Puis une seconde expérience de l'exil, plus douloureuse cette fois, avec l'entrée des chars russes dans Berlin en 1945.

H. W. : Nous avons dû quitter la région de Berlin avant d'être accueillis en Westphalie, à Münster, détruite à 96 % et où les gens vivaient comme des rats. Pendant des années, j'y ai vécu dans une cave. De plus, Münster, contrairement à Berlin où l'on est de culture protestante, était presque entièrement catholique. J'étais regardé comme un intrus, rudoyé par les autres gosses. J'ai dû faire croire aux gens que j'étais catholique pour qu'ils me donnent à manger. Mais, adolescent, je prenais conscience de la position privilégié d'observateur que me procurait le fait d'être en exil – en exil masqué cette fois. Là encore la langue a joué un très grand rôle car j'ai dû apprendre l'allemand dialectal de Münster. Et j'ai adopté, mais consciemment, une manière de prononcer chaque mot.

Em defesa de uma identidade reflexiva

Entrevista de Clement Balta
Tradução coletiva pela turma da disciplina Oficina de tradução do Francês

Como avaliar de maneira positiva o fato de ser/estar "entre"? Entre países, identidades, culturas, enfim, entre línguas? Essa situação intermediária foi vivenciada por Heinz Wismann e descrita em sua última obra, Pensar entre as línguas.

Antes de “pensar entre as línguas” o senhor viveu entre as línguas.

Heinz Wismann: Tudo começou com o exílio. O exílio pode ser também uma boa oportunidade. Eu, minha mãe e minha irmã fugimos dos bombardeios russos sobre Berlim, onde cresci. Eu tinha, então, sete anos e nós nos refugiamos no campo. Rejeitado por ter vindo da cidade, eu me sentia muito só. Comecei a ler para preencher o tempo. A leitura passou a ser um refúgio. Mas sobretudo, o vilarejo onde eu estava ficava ao lado de uma comunidade de italianos – que não tinham para onde ir – e que morriam de tédio. Eles me acolheram. Durante um ano, o passatempo consistia em me ensinar o italiano. Foi meu primeiro contato de verdade com uma língua estrangeira, graças a um duplo exílio: o meu e o dos italianos.

Depois, uma segunda experiência de exílio, nesse caso mais doloroso, com a entrada dos tanques russos em Berlim, em 1945.

H. W.: Tivemos que deixar a região de Berlim para sermos acolhidos em Vestefália, na cidade de Münster, que estava destruída em 96% e onde as pessoas viviam como ratos. Durante anos, eu vivi em um porão. Além do mais, ao contrário de Berlim, de cultura protestante, Münster era quase totalmente católica. Eu era visto como um intruso, hostilizado pelas outras crianças. Tive que passar por católico para que me dessem de comer. Mas, adolescente, já tinha consciência da minha posição privilegiada de observador que o fato de ser exilado, dessa vez sendo um exílio dissimulado, me proporcionava. Ali, mais uma vez, a língua também desempenhou um papel importante, pois tive que aprender o alemão dialetal de Münster. E adotei, mas conscientemente, uma maneira de pronunciar cada palavra.

J'avais donc un rapport distancié aux choses, favorable à la prise de conscience. Je me suis ainsi formé à la faveur de ces deux exils.

Nous avons évoqué l'italien, mais d'autres langues ont accompagné votre parcours.

H. W. : Il y eut le latin et surtout le grec, appris au collège. Deux langues qu'on ne parle pas. Il existe des ailleurs à partir desquels on peut mieux saisir ce que l'on a sous la main. En 3e, on a voulu me faire apprendre l'anglais, avec un manuel tout utilitaire. Depuis cette époque, je suis en guerre contre ce que j'ai appelé les langues de service – comme le globish aujourd'hui, l'anglais international –, pour la défense des langues de culture. Elles seules permettent d'avoir accès à cette espèce de sédimentation historique, à ces ressources sémantiques qui font que l'on sait mieux dire ce que l'on veut dire, ce qui est essentiel pour la formation individuelle.

Et le français ?

H. W. : Je l'ai découvert avec Jean Bollack¹. C'est grâce à sa formation que, à travers la philologie et la philosophie, j'ai fait des langues mon métier. Il était jeune assistant invité à l'université de Berlin où je faisais mes études et j'ai immédiatement reconnu quelqu'un qui était instruit de cette distance entre les langues, avec la conscience aiguë qu'il n'y a pas d'équivalent direct de l'une à l'autre. On s'est mis à travailler ensemble, essentiellement sur des textes de la philosophie présocratique grecque. Et j'ai commencé à réfléchir à ce qui fonde cette manière de faire, à aller vers une compréhension plus profonde du texte à traduire. Au fond, ce que j'ai pu faire dans ma vie sont ces trois choses qui s'imbriquent : une expérience vécue de l'altérité des langues, un travail herméneutique sur des œuvres dans des langues autres, et enfin une réflexion philosophique sur ce qui fonde et légitime ce travail herméneutique.

¹ Jean Bollack (1923-2012) est un philosophe et philologue français. *Au jour le jour*, le journal qu'il a tenu ses quinze dernières années, sera publié en mars aux éditions du PUF.

Eu tinha então um olhar distanciado em relação às coisas, favorável a uma tomada de consciência. Devo a minha formação a esses dois exílios.

Falávamos do italiano, mas outras línguas acompanharam o seu percurso.

H. W.: Houve o latim e principalmente o grego, ensinados no colégio. Duas línguas que não são faladas. Existem circunstâncias que nos permitem aproveitar melhor o que temos em mãos. No primeiro ano do ensino médio, quiseram que eu aprendesse inglês com um manual estritamente prático. Desde essa época, eu luto contra o que chamei de línguas utilitárias – como o *globblish* que corresponde, nos dias de hoje, ao inglês internacional – em defesa das línguas de cultura. Só elas nos permitem ter acesso a esse tipo de sedimentação histórica, a esses recursos semânticos que nos possibilitam expressar melhor o que temos a dizer, o que é essencial para a formação individual.

E o francês?

H. W.: Descobri o francês com Jean Bollack.² Foi graças à sua formação que, através da filologia e da filosofia, fiz das línguas a minha profissão. Ele era um jovem professor visitante na universidade de Berlim onde eu estudava, e reconheci imediatamente nele alguém conhecedor dessa distância entre as línguas, com uma nítida consciência de que não existe equivalência direta entre as línguas. Começamos a trabalhar juntos essencialmente sobre textos da filosofia pré-socrática grega. E eu comecei a refletir sobre os fundamentos desse fazer, para ter uma compreensão mais profunda do texto a ser traduzido. Na verdade, o que eu pude fazer na minha vida são essas três coisas que estão entrelaçadas: uma experiência de vida em relação à alteridade linguística, um trabalho hermenêutico sobre obras em outras línguas, e enfim, uma reflexão filosófica sobre o que fundamenta e legitima esse trabalho hermenêutico.

² Jean Bollack (1923-2012) é um filósofo e filólogo francês. *Au jour le jour*, o diário que ele manteve nos seus últimos quinze anos, será publicado em março pela editora PUF.

Paradoxalement, c'est l'intériorisation de cette distance que vous évoquez qui vous a révélé à vous-même.

H. W. : Le déracinement est plutôt un bien. Dans le rapport que l'on peut entretenir avec les langues, cette distance est une vraie opportunité car elle est en retour bénéfique à la maîtrise de sa propre langue. Rilke, par exemple, écrivait des poèmes en français pour débloquer sa créativité en allemand. On enrichit sa capacité expressive en allant d'une langue à l'autre ou à plusieurs autres, comme pour moi avec le français et le grec. Ce mouvement, ce va-et-vient entre les langues s'inscrit dans une espèce de troisième dimension que j'ai appelée espace de réflexivité. C'est cet espace qui conditionne une identité autre qu'affirmative, une identité justement réflexive qui sur le plan individuel peut être vécue comme tout à fait évidente. C'est-à-dire qu'on devient le lieu où se croisent les différentes possibilités de comprendre et d'interpréter ; développant cette sensibilité qu'on nomme plurilinguisme ou culturalisme. On acquiert une attention aux choses qu'autrement on ne percevrait même pas. Or, cette centralisation des différentes stimulations que l'on reçoit, c'est cela que j'appelle une identité réflexive. C'est une identité qui n'a pas besoin de s'identifier, mais possède la capacité d'intégrer. Le mieux de cette identité est le mieux de l'intégration des différences.

Identité réflexive qui selon vous définit, ou devrait définir, l'identité européenne.

H. W. : L'identité en Europe est entre les langues, entre les cultures. Une éducation européenne est une éducation qui doit éveiller cette sensibilité réflexive. Si l'Europe veut devenir quelque chose, il faut qu'elle utilise les moyens qui sont ceux de sa diversité, et ce sont les langues qui déterminent avant tout celle-ci. Si l'on ne soigne pas nos langues, en privilégiant comme c'est le cas l'anglais international, on favorise le repli provincial. Il existe un problème persistant au niveau des instances européennes, où lorsqu'on agit en faveur d'une langue on est accusé de favoritisme, ce qui profite encore à l'anglais. On n'est hélas toujours pas sorti de l'identification des langues et des patriotismes. Contre cette idée, « penser entre les langues » est un réel outil d'optimisme opérationnel.

Paradoxalmente, foi a interiorização dessa distância, a que o senhor se referiu, que lhe propiciou um autoconhecimento.

H.W.: O desenraizamento é, antes de tudo, positivo. Na relação que temos entre as línguas, essa distância é uma verdadeira oportunidade, pois proporciona um retorno benéfico no domínio de sua própria língua. Rilke, por exemplo, escrevia poemas em francês para desbloquear sua criatividade em alemão. Enriquecemos nossa capacidade de expressão indo de uma língua para outra ou para várias outras, assim como, para mim, o francês e o grego. Esse movimento de vai e vem entre as línguas se insere em uma espécie de terceira dimensão que eu chamo de espaço de reflexividade. É esse espaço que condiciona uma identidade, diferente da afirmativa, uma identidade justamente reflexiva, que no plano individual pode ser vivida como inteiramente evidente. Isto quer dizer que nos tornamos o lugar onde se cruzam as diferentes possibilidades de compreender e interpretar, desenvolvendo essa sensibilidade que chamamos de plurilinguismo ou culturalismo. Adquirimos uma percepção diferente das coisas que não tínhamos anteriormente. Ora, essa centralização de diferentes estímulos que recebemos é o que chamo de identidade reflexiva. É uma identidade que não necessita ser identificada, mas possui a capacidade de integrar. O que há de melhor nessa identidade é a integração das diferenças.

Identidade reflexiva que, na sua opinião, define ou deveria definir, a identidade europeia.

H. W.: A identidade na Europa está entre as línguas, entre as culturas. Uma educação europeia é uma educação que deve despertar essa sensibilidade reflexiva. Se a Europa quiser se destacar, ela deve tirar proveito da sua própria diversidade, e são principalmente as línguas que determinam essa diversidade. Se não cuidarmos das nossas línguas, privilegiando o inglês internacional, como fazemos hoje, estaremos favorecendo o isolamento regional. Existe um problema que persiste, nas instâncias europeias: quando agimos em favor de uma língua somos acusados de favoritismo, o que acaba privilegiando mais ainda o inglês. Infelizmente, ainda não saímos da identificação entre língua e patriotismo. Em oposição a essa ideia, “pensar entre as línguas” é uma verdadeira ferramenta de otimismo operacional.

Extrait

« Le problème, je le répète, est que pour se réaliser, l'être humain va toujours se séparer, et donc multiplier les nuances. La véritable créativité humaine, c'est cette prolifération de différences. Et la bêtise humaine, c'est de vouloir camper sur l'une de ces différences, ou de les embrasser dans un compromis. Il faut malheureusement – et c'est ça être cultivé – avoir la capacité de les laisser dans ce qu'elles sont, ces différences, tout en les appréciant. En acceptant qu'elles ne puissent être confondues, qu'il n'y a pas de préférence véritablement possible puisque ce sont chaque fois des perfections. Je plaide pour ce que j'appelle une « identité réflexive », qui n'est pas l'identité de l'enracinement originaire. [...] Je ne suis pas pour le retour à un avant-Babel, mais pour la prolifération des différentes langues. [...] Pour moi, l'effet Babel est ce qu'il y a de plus productif dans l'histoire humaine. »

Heinz Wismann en 9 dates:

1935: Naissance à Berlin (Allemagne).

1945: Exil à Münster, en Westphalie.

1958: Obtient une bourse pour aller étudier à l'université de Lille, où Jean Bollack est nommé professeur.

1972: *Héraclite ou la séparation*, avec Jean Bollack. 1986: *Walter Benjamin et Paris*.

1986-2007: Dirige la collection « Passages » aux Éditions du Cerf.

2002: Directeur d'études à l'École des hautes études en sciences sociales.

2004: *L'avenir des langues: repenser les humanités*.

2012: *Penser entre les langues*, avec Pierre Judet de La Combe.

Bibliographie

WISMANN, Heinz. *Penser entre les langues*. Paris : Albin Michel, 2012. p. 102.

Excerto

“O problema, volto a repetir, é que, para se realizar, o ser humano vai sempre se separar, multiplicando assim as nuances. A verdadeira criatividade humana é essa proliferação de diferenças. E a idiotice humana, é querer se fixar em uma dessas diferenças, ou abraçá-las num compromisso. Infelizmente é preciso – e isso é que é ser culto – ter a capacidade de deixar essas diferenças da maneira como se apresentam e apreciá-las como são. Aceitando o fato de que elas não podem ser confundidas, que não existe uma preferência verdadeiramente possível, pois são, a cada vez, perfeições. Eu defendo o que se chama de ‘identidade reflexiva’, que não é a identidade do enraizamento de origem. [...] não sou a favor de um retorno a uma Pré-Babel e sim de uma proliferação das diferentes línguas. [...] Para mim, o efeito Babel é o que há de mais produtivo na história do ser humano.”

Heinz Wismann em 9 datas:

1935: Nascimento em Berlim (Alemanha).

1945: Exílio em Münster, na Vestefália.

1958: Obtém uma bolsa para estudar na universidade de Lille, onde Jean Bollack é nomeado professor.

1972: *Héraclite ou la séparation*, com Jean Bollack.

1986: *Walter Benjamin et Paris*.

1986-2007: Dirige a coleção Passages na Editora Du Cerf.

2002: Professor-orientador na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

2004: *L'avenir des langues: repenser les humanités*.

2012: *Penser entre les langues*, com Pierre Judet de La Combe.

Referência do texto original

WISMANN, Heinz. Penser entre les langues. *Le français dans le monde*, Paris : FIPF/CLE international, n. 386, p. 50-51, mars-avr. 2013.

Quand traduire devient crucial

Par Nicolas Dambre

Si la traduction n'est pas une science exacte, elle doit viser dans plusieurs domaines sensibles le moins d'approximation possible, tels que la diplomatie, le droit ou la médecine.

Qui n'a pas été confronté à des notices mal traduites ? Parfois surréalistes, elles peuvent faire sourire ou prêter à confusion. Comme par exemple, pour cet appareil photo : « L'approximation a basé sur 2 appareil-photo du député. » Mauvaise traduction de l'anglais : « MP », méga pixel ou membre du parlement ? ... Avec la mondialisation des échanges, les traductions s'avèrent de plus en plus nombreuses.

Dans le domaine médical notamment, une mauvaise traduction peut être dangereuse. La société Kraus Biomedical est spécialisée dans la traduction médicale. Éric Bonnefous, directeur général, détaille : « *Certains pays, comme l'Indonésie, se contentent de notices en anglais. En France, la législation les impose en français. Nous travaillons avec 700 traducteurs indépendants et 20 relecteurs en interne dans toutes les langues. Pour les deux tiers des volumes de traduction il s'agit de l'anglais et du français.* » En effet, l'anglais reste la langue de référence dans le domaine scientifique et beaucoup de laboratoires sont anglo-saxons.

Traducteurs pointus

Dans des domaines aussi spécialisés que la cancérologie ou la sclérose en plaques, faut-il faire appel à des traducteurs de formation ou des médecins devenus traducteurs ? « *Les meilleurs traducteurs ne sont pas forcément des linguistes mais des praticiens très spécialisés qui ont le vocabulaire, ce qui est assez rare. Les deux sont complémentaires, c'est pourquoi nous faisons souvent appel à des traducteurs freelance très pointus* », livre Éric Bonnefous. Dans ses conditions générales de vente, Kraus Biomedical précise que sa responsabilité ne saurait être engagée au-delà du coût de la traduction. Cela n'a encore jamais été le cas, les laboratoires étant tenus de vérifier les traductions.

Quando traduzir passa a ser decisivo

Tradução por Estella Vidotti

A tradução não é uma ciência exata, mas visa a absoluta precisão em áreas como a diplomacia, o direito ou a medicina.

Quem nunca se deparou com manuais mal traduzidos? Às vezes surrealistas, as más traduções podem provocar riso ou gerar confusão. Como, por exemplo, com o manual de uma câmera fotográfica: "A aproximação se baseia sobre duas câmeras do deputado". Má tradução do inglês: MP, megapixel ou membro do parlamento? ... Com a globalização, as traduções se tornaram cada vez mais numerosas.

Principalmente na área médica, uma má tradução pode ser perigosa. A empresa Kraus Biomedical é especializada em tradução de textos da área médica. Éric Bonnefous, diretor geral, explica: "Para alguns países, como a Indonésia, basta a tradução em inglês. Na França, a legislação exige a tradução em francês. Nós trabalhamos com 700 tradutores independentes e 20 revisores internos em todas as línguas. Dois terços das traduções são feitas em inglês e francês". De fato, o inglês continua sendo a língua de referência na área científica e muitos dos laboratórios são anglo-saxões.

Tradutores especializados

Em áreas muito específicas, como a cancerologia ou a esclerose múltipla, deve-se recorrer a tradutores profissionais ou médicos que se tornaram tradutores? "Os melhores tradutores não são necessariamente da área da tradução, mas profissionais especializados que detêm o jargão, o que é raro. Os dois são complementares, e é por isso que geralmente recorremos a tradutores freelancers mais especializados", revela Éric Bonnefous. Em suas condições gerais de venda, a Kraus Biomedical explica que sua responsabilidade se restringe ao custo da tradução. Nunca houve um caso dos laboratórios serem obrigados a verificar as traduções.

Joël Mortensen est lui aussi un traducteur très spécialisé, précisément dans la documentation technique des équipements agricoles (anglais, danois, norvégien). « *Il est essentiel de se documenter et de bien comprendre ce que l'on traduit. Un bon traducteur technique ne doit donc pas hésiter à poser des questions et à archiver les réponses qu'il obtient. Les agences lui fournissent des mémoires de traduction et des bases terminologiques qui signalent des passages et des mots de précédentes traductions.* »

Mauvaises conditions

Les traducteurs utilisent de plus en plus de logiciels de TAO (traduction assistée par ordinateur), beaucoup plus perfectionnés que la traduction automatique sur Internet.

Désormais interprète, Tomas de la Guardia a été traducteur. Il se souvient : « *J'aimais travailler à mon rythme, "caresser une phrase jusqu'à ce qu'elle sourit" comme on dit. Aujourd'hui, les traducteurs sont enchaînés seuls à leur ordinateur et le travail se mécanise avec les logiciels de traduction.* » Tatiana Bodrova, directrice de l'École supérieure d'interprètes et de traducteurs, à Paris, ajoute : « *Les mauvaises traductions sont souvent dues à de mauvaises conditions de travail. Un professionnel de la traduction ne travaille pas dans l'urgence, privilégie le travail en équipe et accepte la supervision d'un réviseur.* » Un autre péril guette : les traducteurs sont parfois obligés d'effectuer des traductions de traductions. « *En règle générale, une traduction s'effectue à partir du texte original. Toutefois, dans le cas de langues peu usitées, une première traduction est souvent faite vers l'anglais et retraduite ensuite vers d'autres langues.* »

Actes officiels

Dans le domaine juridique, les traducteurs doivent être agréés, comme Jeannette Abi Nader-Gélébart, qui explique : « *Nous sommes experts près une cour d'appel française qui nous a désignés et nous avons prêté serment. Ce titre d'expert donne le droit de traduire des actes officiels pour les particuliers :*

Joël Mortensen é também um tradutor especializado na documentação técnica dos equipamentos agrícolas (em inglês, dinamarquês e norueguês). “É essencial pesquisar sobre o assunto e compreender bem aquilo que traduzimos. Portanto, um bom tradutor técnico não deve hesitar em se informar com profissionais da área e em arquivar as respostas obtidas. As agências lhe fornecem ‘memórias de tradução’ (MT) e bases terminológicas que indicam trechos e palavras de traduções anteriores”.

Más condições

Os tradutores utilizam cada vez mais programas de CAT,¹ muito mais aperfeiçoados do que a tradução automática na internet.

Tomas de la Guardia, atualmente intérprete, era tradutor. Ele se recorda: “Eu gostava de trabalhar no meu ritmo, ‘acariciando uma frase até que ela sorrisse’, como dizemos. Hoje em dia, os tradutores ficam isolados diante dos seus computadores, acorrentados aos programas de computador para tradução, trabalhando de forma automática”.

Tatiana Bodrova, diretora da Escola superior de intérpretes e de tradutores, em Paris, acrescenta: “As más traduções são geralmente devidas às más condições de trabalho. Um tradutor profissional não faz trabalhos que requerem urgência, mas privilegia o trabalho em equipe e aceita a supervisão de um revisor”. Existe outro inconveniente: os tradutores são, às vezes, obrigados a traduzir a partir de outra tradução. “De forma geral, uma tradução é feita a partir do texto original. Contudo, no caso das línguas pouco usadas, uma primeira tradução é, geralmente, feita em inglês e, em seguida, retraduzida para outras línguas”.

Atas oficiais

No setor jurídico, os tradutores devem ser juramentados, como Jeannette Abi Nader-Gélébart, que explica: “Nós somos credenciados junto a um tribunal francês que nos designou, e prestamos juramento. Esse credenciamento nos permite traduzir documentos oficiais para as pessoas:

¹ Do inglês *computer-assisted translation*, ou *computer-aided translation*, ‘tradução assistida por computador’.

actes de naissance, actes de mariages, etc. C'est très important dans le cas des demandes de nationalité française. » Elle traduit de l'arabe au français, avec parfois quelques difficultés : *« Beaucoup d'actes notariés en arabe sont manuscrits et compliqués à déchiffrer. Les présentations sont très différentes. Et certains actes ne sont pas reconnus, comme l'adoption, en Algérie.* » Juridiquement, Jeannette Abi Nader-Gélébart est seule responsable du texte traduit. Gare aux erreurs de dates ou aux contresens. La plupart des traducteurs souscrivent une assurance professionnelle pour les couvrir.

Crédibilité

Les inexactitudes sont heureusement rares. Quelques-unes sont devenues historiques, comme la fameuse résolution 242 de l'ONU de 1967. Dans sa version française, ce texte appelle au retrait « des territoires occupés », mais en anglais « de territoires occupés » (« *from occupied territories* », sous-entendu, pas forcément de tous les territoires).

Siv Leng Chhuor, sous-directrice de la logistique, de l'interprétation et de la traduction au Ministère des Affaires étrangères, organise notamment les conférences internationales et les déplacements officiels, par exemple, pour la présidence de la République. Dans le cadre de sommets ou de conférences internationales, ses équipes doivent établir la version française des textes négociés la nuit, par les sherpas, pour que le président français en prenne connaissance avant les réunions plénières de chefs d'État.

Siv Leng Chhuor confie : *« Nos traducteurs sont parfaitement formés au contexte international et expérimentés. Nous faisons du sur-mesure en matière de traduction – les enjeux sont de taille : « Une mauvaise traduction, c'est une perte de temps dans les négociations et une perte de crédibilité au plan international. »*

Interpréter les situations

L'interprétation consiste à traduire en temps réel dans des circonstances particulières : rencontre entre chefs d'État, procès,

certidões de nascimentos, de matrimônio etc. Nos casos de pedidos de nacionalidade francesa, isso é muito importante”. Ela traduz do árabe para o francês, às vezes com dificuldades: “Muitas certidões em árabe, feitas em cartório, são escritas à mão e difíceis de decifrar. As apresentações são muito diferentes. E algumas certidões não são reconhecidas, como a de adoção, na Argélia”. Juridicamente, Jeannette Abi Nader-Gélébart é a única responsável pelo texto traduzido, cuidando para que não haja erros de datação ou quaisquer outros erros. A maior parte dos tradutores têm um seguro profissional para cobrir isso.

Credibilidade

Felizmente, os erros são raros. Alguns se tornaram históricos, como a famosa resolução 242 da ONU, de 1967. Em sua versão francesa, o texto exortava a retirada *des territoires occupés* (dos territórios ocupados), porém, *de territoires occupés* (de territórios ocupados, do inglês *from occupied territories*, subentendido como não necessariamente de todos os territórios).

Siv Leng Chhuor, sub-diretora de logística, interpretação e tradução no Ministério de Relações Exteriores, organiza principalmente conferências internacionais e viagens oficiais, por exemplo, para a presidência da República. No âmbito das conferências de cúpula, suas equipes devem estabelecer a versão francesa dos textos anteriormente negociados pelos representantes oficiais dos países, para que o presidente francês tome conhecimento do assunto antes das reuniões plenárias dos chefes de estado.

Siv Leng Chhuor revela: “Nossos tradutores são perfeitamente formados e experientes no contexto internacional. Fazemos traduções ‘sob medida’, pois as decisões tomadas – a partir dos textos traduzidos e da maneira como foram traduzidos – têm grande impacto: “Uma má tradução é uma perda de tempo nas negociações e uma perda de credibilidade no plano internacional.”

Interpretar as situações

O trabalho do intérprete consiste em traduzir, em tempo real, em circunstâncias específicas: encontro entre chefes de Estado, processos,

assemblée générale d'actionnaires... Tomas de la Guardia, interprète, témoigne : « *Il faut savoir décrypter ce qui se joue entre les personnes en dehors de ce qui est dit, nous ne nous intéressons pas aux mots mais au message.* » Des erreurs surviennent de cette instantanéité, « *mais elles passent souvent inaperçues, l'auditeur les corrige inconsciemment.* » Et pour prévenir les plus importantes, les interprètes travaillent à plusieurs. « *Mais les conditions de travail se dégradent dans le privé, qui préfère souvent utiliser un "bidule" (un émetteur, nldr) plutôt qu'une cabine. Un "marché gris" de l'interprétation se développe aussi, avec des personnes dont ce n'est pas le métier* », constate Tomas de la Guardia.

assembleia geral de acionistas... Thomas de la Guardia, intérprete, fala da sua experiência: *"É necessário captar o que está em jogo entre as pessoas, fora do que é realmente dito, não nos interessam as palavras e sim a mensagem"*. Erros ocorrem devido a essa instantaneidade, *"muitas vezes, passam despercebidos, pois o ouvinte os corrige inconscientemente."* E para evitar os erros mais graves, são vários os intérpretes trabalhando. *"Mas as condições de trabalho degradam-se nas empresas privadas, que optam muitas vezes por soluções mais econômicas, mas não necessariamente de qualidade. Nessa área, está se desenvolvendo também um 'mercado cinza' com a participação de pessoas que não são dessa profissão."* É o que constata Tomas de la Guardia.

Referência do texto original

DAMBRE, Nicolas. Quand traduire devient crucial. *Le français dans monde*, Paris : FIPF/CLE international, n° 386, p. 52-53, mars-avr. 2013.

Ordinateurs poliglottes à la recherche de la traduction parfaite

Par Sarah Nuyten

La démocratisation d'Internet a révolutionné la traduction. Des logiciels permettent désormais de passer d'une langue à une autre instantanément. Un système évolutif, mais qui comprend des limites.

Pour de nombreux internautes, cet outil est aujourd'hui une évidence. Une aide précieuse, qui permet à tout un chacun de comprendre ou d'utiliser d'autres langues que la sienne. Une phrase, un clic, une traduction. Mais derrière les traducteurs automatiques se cachent un système informatique complexe, en perpétuelle évolution. Les premiers logiciels sont nés durant la guerre froide. Les scientifiques américains, soutenus par la CIA, ont été les pionniers dans ce domaine. Avec un objectif clair : traduire les milliers de documents soviétiques à leur disposition, pour devancer l'ennemi. Le schéma mis en place à l'époque a été nettement amélioré depuis, mais l'ossature des logiciels de traduction automatique reste la même : un moteur de recherche, associé à un ou plusieurs dictionnaires et à des règles syntaxiques. Les outils de traduction actuels sont ainsi le résultat d'un travail collectif : celui d'informaticiens et de statisticiens, couplé à l'expertise des linguistes.

De nos jours, plusieurs dizaines de combinaisons de langues sont possibles et l'utilisation des traducteurs instantanés s'est vulgarisée. Nombre d'entreprises y ont recours, et les logiciels professionnels représentent la plus grosse part du marché. Mais d'autres traducteurs, plus basiques, sont utilisés par les internautes lambda. Parmi les plus connus, en libre accès sur le net, Google Translate, Systran ou encore Reverso. Théo Hoffenberg est ingénieur de formation et amoureux des langues depuis toujours. Il est à la tête de Reverso, le leader européen de la traduction instantanée, l'un des pionniers français du développement de logiciels de traduction. Le traducteur en ligne Reverso, c'est une dizaine de millions d'utilisateurs chaque mois. « *Il y a deux grands types d'usages, explique Théo Hoffenberg. « D'abord, l'aide à la compréhension.*

Computadores políglotas: em busca da tradução perfeita

Tradução por Alex Kevin Ouessou Idrissou

A democratização da internet revolucionou a tradução. Aplicativos permitem doravante passar de uma língua a outra de forma instantânea. Um sistema evolutivo, mas que tem seus limites.

Para vários internautas, esta ferramenta é hoje em dia uma realidade. Uma ajuda muito útil, que permite a cada um entender ou usar outras línguas diferentes da sua. Uma frase, um clique, uma tradução. Mas, por trás dos tradutores automáticos há um sistema informático complexo, em constante evolução. Os primeiros aplicativos apareceram durante a Guerra Fria. Os cientistas americanos, apoiados pela CIA, foram os pioneiros nessa área. Com um objetivo claro: traduzir milhares de documentos soviéticos disponíveis, para se antecipar ao inimigo. O esquema usado na época melhorou consideravelmente desde então, mas a estrutura dos aplicativos de tradução automática permanece a mesma: um site de pesquisa, associado a um ou vários dicionários e a regras sintáticas. As ferramentas de tradução atuais são, assim, o resultado de um trabalho coletivo: o de técnicos em informática e de estatísticos, somado ao conhecimento dos linguistas.

Hoje em dia, dezenas de combinações de línguas são possíveis e o uso de tradutores instantâneos se popularizou. Várias empresas fazem uso desses recursos, e os aplicativos profissionais representam a maior parte do mercado. Mas outros tradutores, mais básicos, são usados por qualquer internauta. Entre os mais conhecidos, de livre acesso na internet, Google Translate, Systran e também Reverso. Théo Hoffenberg é engenheiro e desde sempre apaixonado por línguas. Ele é diretor presidente do Reverso, líder europeu da tradução instantânea, um dos pioneiros, na França, na criação de aplicativos de tradução. O tradutor Reverso equivale a milhões de acessos a cada mês. "Há dois tipos de uso, explica Théo Hoffenberg. O primeiro auxilia na compreensão.

Les internautes cherchent des mots lorsqu'ils lisent un article, un courriel ou un livre qui n'est pas rédigé dans leur langue maternelle. La seconde utilisation, c'est au contraire l'aide à la rédaction. Je suis français, j'ai quelques notions d'espagnol, et je veux pouvoir écrire un courriel pour réserver une chambre en Espagne ou en Argentine. Pour ces usages, Reverso est suffisant. »

Des traducteurs toujours plus performants

Ces logiciels s'ouvrent aujourd'hui à de nombreuses langues et sont de plus en plus efficaces, sans toutefois parvenir au sans faute. Théo Hoffenberg garantit que si le texte source est rédigé dans un français correct, sans jeu de mot ni formule alambiquée, il y a 95 % de chances qu'il soit de « *grand qualité* » ; environ 45 % de chances qu'il soit « *parfait* ». C'est lorsque que la formulation se complique que les choses se gâtent. « *Il y aura toujours un mot sur lequel quelqu'un mettra un sens inattendu, reconnaît le PDG de Reverso. Et là, le logiciel ne peut pas rivaliser.* » Car le système applique les règles segment par segment, sans vision globale. En revanche, il ne traduit pas mot à mot, mais fait l'analyse de la phrase entière. La qualité de la traduction dépend donc de la simplicité syntaxique du texte source et de l'absence de fautes de grammaire ou d'orthographe.

Pour Xavier Nègre, passionné de langues et d'étymologie, les logiciels de traduction ne peuvent être vraiment performants que si l'utilisateur maîtrise, ne serait-ce qu'un peu, la langue dans laquelle il cherche à traduire le texte source. Il y a 10 ans, il a créé le site Lexilogos, qui propose notamment un accès à plusieurs dictionnaires et traducteurs en ligne. « *Comparer différentes traductions permet d'affiner le résultat. Prenez le mot self en anglais. Selon le contexte, il sera traduit de telle ou telle manière. Voir quels sont les sens donnés par l'un ou l'autre des traducteurs, c'est pouvoir choisir la version la plus adaptée.* »

François Yvon est chercheur au Limsi-CNRS, spécialiste du traitement automatique des langues et responsable d'une équipe de recherche en traduction. Pour lui, si la syntaxe et la fluidité des traductions s'améliorent de jour en jour, les limites des logiciels sont encore claires.

Os internautas procuram palavras quando leem um artigo, um *e-mail* ou um livro que não está escrito na sua língua materna. Já o segundo uso é uma ajuda na redação. Eu sou francês, tenho algumas noções de espanhol, e quero ser capaz de escrever um *e-mail* para reservar um quarto na Espanha ou na Argentina. Para esses usos, o Reverso basta.”

Tradutores cada vez mais eficientes

Esses aplicativos abrangem hoje em dia inúmeras línguas e são cada vez mais eficazes sem, no entanto, atingir a perfeição. Théo Hoffenberg garante que se o texto original está escrito em francês correto, sem trocadilho ou em estilo rebuscado, há 95% de chances de que a tradução seja de “boa qualidade”; e aproximadamente 45% de chances de que seja “perfeita”. Mas quando o estilo é mais elaborado, as coisas ficam mais difíceis. “Haverá sempre uma palavra à qual será dado um sentido inusitado, afirma o diretor presidente do Reverso. Nesse caso, o aplicativo não pode competir.” Pois o sistema aplica as regras, segmento por segmento, sem uma visão global. No entanto, ele não traduz palavra por palavra, mas faz a análise da frase completa. A qualidade da tradução depende, portanto, da simplicidade sintática do texto original e da ausência de erros de gramática ou de ortografia.

Para Xavier Nègre, apaixonado por línguas e pela etimologia, os aplicativos de tradução só podem realmente ser produtivos se o usuário domina, minimamente, a língua na qual ele se propõe a fazer a tradução. Há 10 anos, ele criou o *site* Lexilogos, que propõe o acesso a vários dicionários e tradutores online. “Comparar diferentes traduções permite aprimorar o resultado. Consideremos a palavra *self* em inglês. Segundo o contexto, ela será traduzida de maneiras diferentes. Verificar quais são os sentidos dados por um ou outro tradutor, possibilita escolher a versão mais adequada.”

François Yvon é pesquisador do Limsi-CNRS, especialista em tratamento automático de línguas e responsável por uma equipe de pesquisa em tradução. Para ele, se a sintaxe e a fluidez das traduções estão cada vez melhores, os limites dos aplicativos ainda são evidentes.

« L'idée de rendre de la cohérence – comme conserver le vouvoiement tout au long d'un texte – ou de repérer les références – si l'on parle d'une machine dans la phrase d'avant, il faudra dire "elle" dans la suite de la traduction – sont des éléments très importants, mais pour l'instant on n'y arrive pas. » Niveau de discours, homogénéité, intentionnalité du message... Autant de manquements que les spécialistes de la traduction automatique entendent bien régler dans les années à venir.

Vers la fin des « traducteurs humains » ?

En revanche, s'agissant du second degré, des jeux de mots et de toutes les traductions où les connaissances culturelles sont inhérentes à une compréhension correcte, François Yvon est bien moins optimiste : « Dans ces cas-là, le contexte est primordial. Et réussir à faire comprendre ça à un ordinateur ne me semble pour l'instant pas possible. » L'intervention humaine reste alors impérative. « Il y a des domaines où la traduction instantanée n'est pas pertinente, estime-t-il. Traduire la notice d'un médicament ou un guide technique pour la maintenance d'un avion nécessite une telle précision qu'on ne peut faire confiance qu'à l'œil humain. » Même chose pour la traduction littéraire, où passer d'une langue à l'autre de manière automatique ne suffit pas. Encore faut-il savoir écrire. Et c'est là tout l'art du traducteur humain. Hugues Mantoux est traducteur et membre de la Chambre nationale des entreprises de traduction. Pour lui, « une langue est difficilement modélisable, la traduction encore plus ». Il observe l'avancée de la traduction automatique avec philosophie : « Alors que cela fait 20 ans que les ordinateurs battent les champions d'échec, on est toujours "à la veille" de signer l'arrêt de mort de la traduction humaine. En tant que traducteur, j'attends ma condamnation à mort avec sérénité, et au moment de l'exécution, je ne doute pas que ma peine sera commuée en prison à perpétuité. »

IF Verso, la littérature française dans toutes les langues

IF Verso est une plateforme culturelle collaborative, lancée par l'Institut français. Elle répertorie plus de 70 000 oeuvres françaises, traduites en

“A ideia de dar uma coerência – como, por exemplo, manter o grau de formalidade em todo o texto – ou localizar o referente – quando se fala de uma máquina na frase anterior, será necessário dizer 'ela' na sequência da tradução – são elementos muito importantes, mas por enquanto, não conseguimos fazer isso.” Níveis de discursos, homogeneidade, intencionalidade de mensagem... são alguns dos aspectos, entre outros, que os especialistas da tradução automática se propõem a resolver nos próximos anos.

Será o fim dos "tradutores humanos"?

No entanto, quando se trata de uma linguagem metafórica, com trocadilhos, e de todas as traduções em que os conhecimentos culturais são inerentes a uma compreensão correta, François Yvon é bem menos otimista: “Nesses casos, o contexto é primordial. E conseguir fazer entender isso a um computador não me parece por enquanto possível.” A intervenção humana continua sendo imperativa. “Segundo ele, existem áreas em que a tradução instantânea não é pertinente. Traduzir a bula de um remédio ou um manual técnico para a manutenção de um avião necessita tamanha precisão que só se pode confiar no olhar humano.” O mesmo acontece com a tradução literária, quando passar de uma língua para outra de maneira automática não basta. É necessário também saber escrever. E é nisso que consiste a arte do tradutor humano. Hugues Mantoux é tradutor e membro da Câmara nacional de empresas de tradução. Para ele, “pode-se dificilmente moldar uma língua e sobretudo a tradução.” Ele observa filosoficamente o avanço da tradução automática: “Enquanto há vinte anos que os computadores vencem os campeões de xadrez, ainda estamos longe de assinar a sentença de morte da tradução humana. Enquanto tradutor, eu aguardo minha condenação à morte com serenidade e, no momento da execução, não tenho dúvida de que minha pena será comutada em prisão perpétua.”

IF Verso, a literatura francesa em todas as línguas

IF Verso é uma plataforma cultural colaborativa, lançada pelo Instituto francês. Ela reúne mais de setenta mil obras francesas, traduzidas em

une quarantaine de langues. Objectif : promouvoir la littérature française à travers le monde via la traduction, à l'heure de la révolution numérique. Une partie du site est ainsi accessible à tous les amoureux de la littérature en quête d'une référence bibliographique, une autre est réservée aux professionnels. Sous la forme d'un réseau social collaboratif, IF Verso s'adresse donc aussi bien aux lecteurs du monde entier qu'aux éditeurs, traducteurs, libraires, agents littéraires ou universitaires.

quarenta línguas, aproximadamente. Objetivo: difundir a literatura francesa pelo mundo através da tradução, na era da revolução numérica. Uma parte do site é assim acessível a todos os amantes da literatura em busca de uma referência bibliográfica, e outra é reservada aos profissionais. No formato de uma rede social colaborativa, IF Verso destina-se tanto aos leitores do mundo inteiro quanto aos editores, tradutores, livreiros, agentes literários ou universitários.

Referência do texto original

NUYTEN, Sarah. Ordinateurs polyglottes à la recherche de la traduction parfaite. *Le français dans le monde*, Paris : FIPF/CLE international, n. 386, p. 54-55, mars-avr. 2013.

Traduire sans trahir

Par Christine Coste

Une traduction n'est jamais une reconstitution à l'identique de l'œuvre ni une opération anonyme. Elle est signée par des écrivains, des universitaires, des critiques littéraires qui régulièrement se penchent sur les grands classiques de la littérature et reprennent leur traduction. Philippe Jaworski et Jean-Raymond Fanlo, auteurs et éditeurs respectivement des dernières traductions de Moby-Dick d'Herman Melville et de Don Quichotte de Miguel de Cervantès, livrent leurs approches.

La prose éclectique de *Moby-Dick*

Beaucoup de traducteurs travaillent à partir d'un texte dont ils ne se soucient pas de vérifier l'origine, la qualité, la conformité aux intentions de l'auteur, les conditions de publication, etc. Mes traductions ne sont pas séparables d'un travail préalable d'établissement du texte. Il m'a fallu pas mal d'années pour traduire *Moby-Dick*... Assurément, plus qu'il n'en a fallu à Melville pour l'écrire ! Les difficultés ont été innombrables. La langue de Melville brasse un grand nombre de registres, de modes. Il faut l'écouter attentivement pour tenter de suivre ce chatolement, toujours difficile à rendre dans notre français peu habile – et même très réticent – au mélange des voix. Comment faire entendre les inflexions shakespeariennes et les accents bibliques du texte ? Comment suggérer la parodie de la langue élégante du XVIII^e siècle anglais ? Toute la culture littéraire de Melville passe dans sa prose, qui est éclectique. Je me suis attaché à essayer de faire sentir ici et là l'extraordinaire variété du relief de la langue, l'aspect comique aussi bien que l'aspect tragique du roman. Charge comique dont une bonne partie se cache d'ailleurs dans les chapitres cétologiques (concernant la baleine) sous forme de parodie du savoir scientifique, dans des dialogues entre les marins ou les officiers d'Achab, ou divers personnages secondaires. Il faut oser prendre des libertés avec la littéralité pour viser à provoquer l'effet comique voulu par l'auteur.

Traduzir sem trair

Tradução por José Luiz Avila Garcia

Uma tradução não é nunca uma reconstrução idêntica da obra, nem uma operação anônima. Ela é assinada por escritores, universitários ou críticos literários que regularmente se debruçam sobre os grandes clássicos da literatura e apresentam uma nova tradução dessas obras. Philippe Jaworski e Jean-Raymond Fanlo, autores e editores, respectivamente, das últimas traduções de Moby-Dick de Herman Melville e de Don Quixote de Miguel de Cervantes, expõem suas abordagens.

A prosa eclética de *Moby-Dick*

Muitos tradutores trabalham a partir de um texto sobre o qual não se preocupam em verificar a origem, a qualidade, a conformidade com as intenções do autor, as condições da publicação etc. Minhas traduções não são separadas de um trabalho prévio sobre o texto.

Foram-me necessários vários anos para traduzir *Moby-Dick*. Certamente mais tempo do que Melville levou para escrevê-lo. As dificuldades foram inúmeras. A escrita de Melville mistura um grande número de registros e de modalidades linguísticas.

Temos que ouvir, atentamente, para tentar acompanhar seu ritmo, sempre difícil de reproduzir no nosso francês pouco hábil – e mesmo muito reticente ao misturar as vozes. Como fazer ouvir as inflexões shakespearianas e os sotaques bíblicos do texto? Como reconstituir a paródia da linguagem elegante do inglês do século XVIII? Toda a cultura literária de Melville passa pela sua prosa, que é eclética.

Preocupei-me em tentar fazer sentir aqui e ali a extraordinária variedade de registros da linguagem, o aspecto cômico, bem como o aspecto trágico do romance. O traço cômico se insinua em boa parte do tempo, nos capítulos cetológicos (que dizem respeito à baleia) sob forma de paródia do saber científico; nos diálogos entre os marinheiros ou entre os oficiais do Capitão Achab (Ahab), ou entre diversos personagens secundários. É necessário tomar certas liberdades com a literalidade para obter o efeito cômico desejado pelo autor.

Je me suis également attaché à redonner leur portée aux parties du roman relatives à la chasse, tout aussi importantes que l'histoire de la traque d'Achab. Il était pour moi essentiel de redonner à ces chapitres traités avec beaucoup de désinvolture, voire d'indifférence, tout leur éclat, mais cela ne pouvait se faire qu'en rassemblant toute la documentation nécessaire.

D'où mes recherches sur les journaux de pêche des baleiniers français de l'époque, qui sont les seuls documents où se trouve le vocabulaire exact, idiomatique, que requiert le texte.

Philippe Jaworski est responsable des quatre tomes de l'édition des oeuvres d'Herman Melville dans la Bibliothèque de la Pléiade (Gallimard, 2006) et traducteur notamment de *Moby-Dick*.

***Don Quichotte*, le livre de toutes les langues**

« Lorsque l'on traduit, on oscille toujours entre l'original que l'on essaie de restituer et le lecteur. Si l'on respecte trop l'original, on aboutit à un décalque illisible : si l'on adapte pour un lecteur français, on fait une traduction ethnocentriste qui fera perdre l'étranger dans la langue, la culture à laquelle il appartient. Pour *Don Quichotte*, ce dilemme classique de la traduction est aggravé par le fait que c'est un ouvrage ancien porteur d'une culture radicalement différente de la nôtre. Il a son monde à lui, ses façons d'être, de penser, de parler, ses références, ses valeurs. Jusqu'où peut-on aller dans la modernisation sans tomber dans l'adaptation ? Respecter *Don Quichotte*, c'est d'abord respecter les mots et ceux de Cervantès sont précis. Il aime les jeux de mots, les calembours. *Don Quichotte* est un livre de livres, un livre de littérature, un livre de toutes les langues. Chez Cervantès, on a la langue des cuistres, des truands, des gens de la rue, des lettrés... Il faut être au plus près de ces contrastes, ne pas unifier par une belle écriture comme la tradition en France tend parfois encore à le faire.

Preocupei-me, igualmente, em restituir estes efeitos às partes do romance relativas à caçada, tão importante quanto a história da perseguição de Achab. Era para mim essencial restituir a esses capítulos, tratados com muita desenvoltura, ou mesmo com certa indiferença, todo seu brilho, mas isto não se pode fazer sem reunir toda a documentação necessária. Daí minhas pesquisas nos diários de pesca dos pescadores de baleia da época, que são os únicos registros onde se encontra o vocabulário exato e os termos idiomáticos que o texto requer. Será relevante pedir ao tradutor que se preocupe em respeitar o sentido exato das palavras?

Philippe Jaworski é responsável pelos quatro volumes da edição das obras de Herman Melville na biblioteca da Pléiade (Gallimard, 2006) e principalmente tradutor de *Moby-Dick*.

Dom Quixote, o livro de todas as línguas

Quando traduzimos, oscilamos sempre entre o original, o texto a ser traduzido, e o leitor. Se respeitamos demais o original, fabricamos uma cópia ilegível; se o adaptamos para um leitor francês, estaremos optando por uma tradução etnocêntrica que fará com que a língua perca o grau de estrangeirismo, relacionado com a cultura à qual pertence.

Em *Dom Quixote*, este dilema clássico da tradução é agravado pelo fato de ser uma obra antiga, imbuída de uma cultura radicalmente diferente da nossa. Ela tem seu mundo próprio, sua maneira de ser, de pensar, de falar, suas referências e seus valores. Como fazer para seguir a modernização sem cair na adaptação?

Respeitar *Dom Quixote* é primeiramente respeitar as palavras, e as de Cervantes são precisas. Ele gosta dos jogos de palavras, dos trocadilhos. *Dom Quixote* é um livro que trata de livros, um livro de literatura, um livro de todas as línguas.

Na obra de Cervantes, temos a língua dos arrogantes, dos bandidos, das pessoas comuns e dos cultos... É preciso estar o mais próximo possível destes contrastes e não uniformizar, através de uma bela escrita, como a tradição francesa tende às vezes a fazer.

J'ai ainsi proscrit totalement les archaïsmes en traduisant par exemple *muy* par « très » et non par « fort ». J'ai souvent également respecté les répétitions que les ardeurs synonymiques des traducteurs réprovent et considèrent comme une anomalie. Les quelques libertés que j'ai prises, je les ai prises pour restituer au récit une vivacité, une fluidité qu'un décalque eût compromis, car notre perception des phénomènes de langue et de style n'est plus la même que du temps de Cervantès. J'ai modifié notamment la ponctuation et introduit de nombreux alinéas. Quant aux notes de bas de pages qui jalonnent le livre et que proscrivent généralement les écrivains quand ils traduisent, à la différence des universitaires, elles sont indispensables car elles replacent le texte dans son encyclopédie et permettent au lecteur de suivre le jeu, et d'y entrer... »

Jean-Raymond Fanlo, traducteur et éditeur de *Don Quichotte* de Michel de Cervantès, dans la coll. La Pochothèque, Le Livre de Poche, 2008.

Histoire d'un art éternellement réinventé

Depuis les premières traductions qui datent de Cicéron, l'histoire de cet art a connu diverses étapes. La traduction de la Bible en grec courant par les Septante d'abord, puis ses traductions et retraductions en latin qui se prolongèrent jusqu'au XIII^e siècle, époque de l'émergence des langues nationales, autre grand tournant dans l'évolution de la pratique de la traduction. Les textes sacrés commencent à se lire dans d'autres langues que le latin, tandis qu'un retour aux sources antiques dont la valeur avait été négligée s'opère. Il faut attendre cependant Wilhelm von Humboldt (1767-1835) et Friedrich Schleiermacher (1768-1834) pour que les réflexions sur le rôle et la pratique de la traduction, bien que présentes à toutes époques, engagent philosophes et philologues à collaborer plus étroitement et à montrer la manière dont la traduction participe à l'histoire de l'ouvrage, à sa résonance.

Suprimi totalmente os arcaísmos nas traduções, por exemplo, *muy* por *très* e não por *fort*. Muitas vezes, respeitei as repetições, o que os tradutores, ardentes sinonimistas, reprovam e consideram como uma anomalia. Algumas liberdades que tomei foram para restituir à narrativa uma vivacidade, uma fluidez que uma tradução literal teria comprometido, pois nossa percepção dos fenômenos da linguagem e de estilo não é mais a mesma dos tempos de Cervantes. Modifiquei principalmente a pontuação e introduzi inúmeros parágrafos.

Quanto às notas de pé de página, que são constantes no livro e que os escritores geralmente suprimem quando traduzem, ao contrário dos universitários, elas são indispensáveis, pois dão clareza ao texto e permitem ao leitor seguir o fluxo da leitura e entrar no jogo.

Jean-Raymond Fanlo, tradutor e editor de *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, para a coleção La Photothèque, Le Livre de Poche, 2008.

História de uma arte eternamente reinventada

Desde as primeiras traduções que remontam a Cícero, a história da arte de traduzir passou por diversas etapas. A tradução da Bíblia para o grego popular, primeiramente pelos *Septante*,¹ depois suas traduções e retraduições para o latim, que se prolongaram até o século XIII, época em que emergiram as línguas nacionais, outro grande marco na prática da tradução.

Os textos sagrados começam a ser lidos em línguas diferentes do latim, enquanto se operava um retorno às antigas fontes cujo valor havia sido negligenciado. No entanto, foi preciso esperar por Wilhem von Humboldt (1767-1835) e por Friedrich Schleiermacher (1768-1834) para que as reflexões sobre o papel e a prática da tradução, que já estavam presentes em todas as épocas, incitassem filósofos e filólogos a colaborar mais estreitamente, e a mostrar o modo como a tradução participa da história de uma obra e da sua repercussão.

¹ Grupo formado por 72 tradutores na Alexandria, aproximadamente em 270 a.C. Por extensão chamou-se *Septante* à versão para o grego antigo de todos os textos bíblicos. (Nota do tradutor).

Traduire sans trahir, « *sans donner sa propre couleur à tout ce que l'on traduit* », pour reprendre les mots de Madame de Staël, devient désormais un enjeu que les avant-propos des ouvrages traduits relatent en détaillant les sources, les approches du texte, les particularités de l'œuvre et son contexte comme les difficultés rencontrées et surmontées. Aujourd'hui, la traduction littéraire, qui concerne un tiers des romans publiés en France chaque année contre 2 % de la production éditoriale en Grande-Bretagne, demeure une activité largement ouverte à tous les profils malgré une professionnalisation de l'activité liée à la création de diplômes spécifiques.

Traduzir sem trair, “sem dar sua própria interpretação a tudo o que se traduz”, para usar as palavras de Madame de Staël, torna-se, a partir deste momento, um procedimento que o prefácio das obras traduzidas relatam especificando as origens, as abordagens do texto, as particularidades da obra e seu contexto, assim como as dificuldades encontradas e superadas.

Atualmente, a tradução literária, que contempla um terço dos romances publicados na França a cada ano, contra 2% da produção editorial na Grã-Bretanha, permanece uma atividade plenamente aberta a todos os perfis, apesar de existir uma profissionalização nesta atividade tradutória, vinculada à criação de diplomas específicos.

Referência do texto original

COSTE, Christine. Traduire sans trahir. *Le français dans le monde*, Paris : FIPF/CLE international, n. 386, p. 56-57, mars-avr. 2013.

Théoriser sur la traduction

Teorizar sobre a tradução

La théorie interprétative de la traduction

Marianne Lederer
Professeure à l'Université de Paris III (ESIT)

L'un de nos ouvrages, publié en collaboration avec Danica Seleskovitch, s'intitule « *Interpréter pour traduire* ».

Ce titre résume en peu de mots la théorie de la traduction de l'École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs (ESIT) de l'Université Paris III, que nous allons exposer ici dans ses grandes lignes.

Rappelons tout d'abord que *traduction* est un terme fourre-tout sous lequel on peut ranger aussi bien la traduction qui vise l'établissement de correspondances au niveau du lexique, de la grammaire ou d'expressions figées, que la traduction des textes dans laquelle il n'y a plus seulement correspondances entre éléments linguistiques mais création d'équivalences entre éléments de sens. En autres termes *traduire* peut recouvrir une opération linguistique, telle qu'elle peut être demandée dans l'enseignement des langues ou telle que l'effectue l'ordinateur, opération où seul compte le sémantisme des mots et des phrases, et une opération mentale qui se situe au-delà de la phrase linguistique et met en œuvre tout ce que le traducteur sait de l'auteur et de ses motifs, du sujet traité, de l'époque de la rédaction, des circonstances historiques et autres entourant la rédaction, du public visé, etc.

La traduction des langues

Dans l'enseignement des langues, les problèmes de la traduction sont essentiellement des problèmes linguistiques. Les exercices de traduction qui s'adressent à des étudiants en langues visent à éliminer les faux sens et les contresens que leur fait commettre leur méconnaissance de la langue étrangère : ils n'ont pas encore à tenir compte des contextes ou de la situation, dont l'intérêt n'apparaît que lorsque la langue source est maîtrisée. L'utilisation dans ces circonstances du terme traduction peut faire oublier que le vrai traducteur ne peut dans son travail se passer de renseignements qui ne sont pas contenus dans la langue du texte mais qui donnent son sens à celui-ci.

A teoria interpretativa da tradução

Tradução por Rémi Caron e Bruno Ramalho

Uma de nossas obras, publicada em colaboração com Danica Seleskovitch, se intitula *Interpretar para traduzir*.

Esse título resume, em poucas palavras, a teoria da tradução da Escola superior de intérpretes e de tradutores (ESIT) da Universidade Paris III, cujas ideias mais importantes serão expostas a seguir.

Lembremo-nos primeiramente que *tradução* é um termo muito geral sobre o qual se pode compreender tanto a tradução que visa ao estabelecimento de correspondências no nível do léxico, da gramática ou de expressões características da língua, quanto a tradução de textos nos quais não há mais apenas correspondências entre elementos linguísticos, mas também uma criação de equivalências entre sentidos. Em outros termos, *traduzir* pode constituir uma operação linguística, assim como ocorre no ensino de línguas ou no computador, operação onde se leva em conta apenas o semantismo das palavras e das frases, e uma operação mental que se situa além da frase linguística e coloca em prática tudo o que o tradutor sabe sobre o autor e seus motivos, o assunto tratado, a época em que foi escrito, as circunstâncias históricas e outros aspectos que influenciam a redação, o público alvo etc.

A tradução das línguas

No ensino de línguas, os problemas de tradução são essencialmente problemas linguísticos. Os exercícios de tradução para estudantes de línguas estrangeiras visam eliminar as ambiguidades e contrassensos provocados pelo desconhecimento da língua: os estudantes não têm ainda que levar em conta o contexto ou a situação, cujo interesse só aparecerá quando tiverem um domínio da língua de origem. A utilização do termo tradução, nessas circunstâncias, corre o risco de não levar em conta que, em seu trabalho, o verdadeiro tradutor não pode prescindir de informações que não estão contidas na língua do texto, mas que lhe dão sentido.

L'importance quasi exclusive attribuée aux langues dans l'étude de la traduction a longtemps bloqué tout progrès théorique. Les recherches sur la façon de traduire les diverses composantes des langues se heurtaient à d'innombrables « échecs traductionnels » difficiles à classer et qui semblaient insolubles ; d'où la conclusion de G. Mounin¹ qui les a passés en revue avec érudition et minutie : « La traduction n'est pas toujours possible. Elle ne l'est que dans une certaine mesure, et dans certaines limites. » Cela est exact lorsqu'on s'efforce de concilier deux soucis inconciliables : tenir absolument et uniquement compte du sémantisme de la langue de départ tout en souhaitant néanmoins que le résultat de la traduction soit conforme aux exigences de la langue d'arrivée ».

Il peut sembler paradoxal que ce soit la traduction automatique, appliquée à des paires de langues, qui apporte aujourd'hui la démonstration qu'une traduction au plan purement linguistique n'est pas possible. La traduction automatique fut effectivement fondée sur le principe d'une correspondance terme à terme entre les langues. Les premiers efforts mirent en évidence la polysémie des mots et l'ambiguïté des phrases de la langue et l'on se rendit progressivement compte qu'il fallait fournir à la machine, pour lui permettre d'effectuer une traduction à peu près correcte, nombre d'informations que le traducteur humain intègre quasi inconsciemment à son travail.

La traduction des textes

Les bons traducteurs savent d'instinct que la traduction ne peut pas se limiter à un travail sur la langue ; aussi beaucoup ont-ils découvert avec bonheur la théorie interprétative alors qu'ils souffraient des préjugés ambiants qui centraient la traduction sur l'analyse des deux langues en présence.

La théorie interprétative de la traduction, soucieuse de séparer les problèmes que pose la traduction lorsque les deux langues ne sont pas sues à égalité, de la théorisation en matière de traduction, écarte de son champ d'investigation les linguistiques contrastives et la « discourse analysis ».

¹ MOUNIN. *Les problèmes théoriques de la traduction*, 1963.

A importância quase exclusiva atribuída às línguas no estudo da tradução bloqueou por muito tempo qualquer progresso teórico. As pesquisas sobre a maneira de traduzir os diversos componentes das línguas se confrontavam diante de inúmeros casos de traduções malsucedidas, difíceis de serem classificadas e que pareciam insolúveis; daí a conclusão de G. Mounin² que as examinou com erudição e minúcia: "A tradução nem sempre é possível. Ela só é possível apenas em determinada medida, e com limitações". Isso é verdade quando nos esforçamos para conciliar duas questões inconciliáveis: levar em conta exclusivamente e unicamente o semantismo da língua de origem, e ao mesmo tempo desejando, ainda assim, que o resultado da tradução esteja em conformidade com as exigências da língua de destino".

Pode parecer paradoxal o fato de a própria tradução automática, aplicada a pares de línguas, ter demonstrado que uma tradução no plano puramente linguístico não é possível. A tradução automática se baseou no princípio segundo o qual existe uma correspondência de termo a termo entre as línguas. Os primeiros esforços colocaram em evidência a polissemia das palavras e a ambiguidade das frases da língua. Progressivamente, percebeu-se que era preciso fornecer à máquina determinadas informações que o tradutor humano integra quase que inconscientemente ao seu trabalho, para lhe permitir efetuar uma tradução mais ou menos correta.

A tradução dos textos

Os bons tradutores sabem instintivamente que a tradução não pode se limitar a um trabalho sobre a língua; desse modo, muitos ficaram contentes em descobrir a teoria interpretativa, uma vez que eles sofriam com o preconceito dos que centravam a tradução sobre a análise das duas línguas em questão.

A teoria interpretativa da tradução – preocupada em separar os problemas de tradução, quando não se domina de maneira igual as duas línguas, da teorização em matéria de tradução – afasta de seu campo de investigação as linguísticas contrastivas e a *discourse analysis*.

² Traduzido no português como *Os problemas teóricos da tradução*, pela Editora Cultrix, 1975.

Elle définit la traduction comme devant produire le même effet cognitif et émotif sur ses lecteurs que le texte original sur les siens. Le traducteur, à la fois lecteur du texte original et énonciateur en second du sens qu'il en a dégagé, doit occuper la place centrale dans l'étude de l'opération de traduction, place qu'une excessive insistance sur les langues et leurs particularités lui avait fait perdre.

Le traducteur dont il s'agit ici n'est pas l'individu avec ses faiblesses ou son talent, ses idiosyncrasies, ses facultés d'adaptation, mais le sujet traduisant, dans la généralité des opérations intellectuelles qu'il accomplit lorsqu'il comprend un texte et qu'il le restitue dans une autre langue. La théorie interprétative de la traduction est fondée sur des principes généraux applicables à toutes les langues et dont nous cherchons la validation dans le plus grand nombre possible de paires de langues. C'est ainsi que des thèses de doctorat sur des couples aussi différents que le français combiné à l'allemand, à l'anglais, à l'arabe, au chinois, au coréen, à l'espagnol, au portugais ont fait apparaître le caractère universel du processus interprétatif.

Le processus interprétatif

Notons tout d'abord une évidence : le traducteur n'a pas sous les yeux une langue mais des signes graphiques. Le processus interprétatif commence dès qu'il leur intègre non seulement sa connaissance des concepts linguistiques correspondants mais aussi sa connaissance non linguistique des réalités auxquelles renvoient les concepts. Entre langues et textes il convient de tirer un trait bien distinct : des mots ou des phrases isolées et sans vouloir rien dire ne permettent aucune interprétation autre que celle de la graphie en concepts linguistiques ; les mots formant texte sont en revanche compris avec un sens à la fois plus précis et plus vaste que leur signification propre. *Plus précis* en raison de l'actualisation des mots dont les diverses significations possibles ne se réalisent jamais toutes en même temps dans leur emploi ; *plus vaste* en raison de l'activation de connaissances pertinentes – les compléments cognitifs – qui s'adjoignent aux sèmes actualisés pour produire un sens.

Para a teoria interpretativa da tradução, a tradução deve produzir o mesmo efeito cognitivo e emotivo sobre seus leitores do que o texto original. O tradutor, ao mesmo tempo leitor do texto original e também um segundo enunciador do sentido que ele extraiu, deve ocupar o lugar central no estudo da operação de tradução, lugar que ele perdera devido a uma excessiva insistência sobre as línguas e suas particularidades.

O tradutor em questão não é o indivíduo com suas fraquezas ou seu talento, suas idiossincrasias, suas faculdades de adaptação, mas, sim, o sujeito que traduz, na generalidade das operações intelectuais que ele desempenha quando compreende um texto e o restitui em outra língua. A teoria interpretativa da tradução é baseada em determinados princípios gerais aplicáveis a todas as línguas, os quais procuramos validar aplicando-os ao maior número possível de pares de línguas. Foi dessa maneira que as teses de doutorado, sobre pares de línguas tão diferentes como francês e o alemão/inglês/árabe/chinês/coreano/espanhol/português, demonstraram o caráter universal do processo interpretativo.

O processo interpretativo

Primeiramente, observemos uma evidência: o tradutor não tem diante de si uma língua, mas, sim, signos gráficos. O processo interpretativo começa a partir do momento em que o tradutor integra não somente seu conhecimento dos conceitos linguísticos correspondentes, mas também seu conhecimento não linguístico das realidades às quais remetem os conceitos. Entre línguas e textos, é necessário que fique bem definido que: em conceitos linguísticos, as palavras ou frases isoladas e sem sentido não permitem uma interpretação diferente da que a grafia lhe permite; pelo contrário, as palavras que formam um texto são compreendidas com um sentido mais preciso e ao mesmo tempo mais amplo que seu próprio significado isolado. *Um sentido mais preciso* devido à atualização das palavras cujos diversos significados possíveis jamais são utilizados ao mesmo tempo; e um sentido mais amplo devido à ativação de conhecimentos pertinentes – os complementos cognitivos – que são acrescentados aos semas atualizados a fim de produzir um sentido.

La théorie interprétative de la traduction, en avançant la notion de *compléments cognitifs* chez le traducteur, n'avait pas attendu les progrès de la traduction automatique pour constater que des informations supplémentaires aux désignations linguistiques étaient nécessaires à la traduction.

Les compléments cognitifs

Nul, pas plus le traducteur qu'un lecteur quelconque, n'aborde jamais un texte l'esprit vide de toute connaissance. Quelle que soit l'expérience du monde dont on dispose, que l'on soit intimement associé à l'auteur du texte ou que l'on soit confronté pour la première fois à un texte dont on ne connaît pas l'origine, que l'on ait pu effectuer des recherches thématiques approfondies ou seulement survoler un sujet, on dispose, lecteur fortuit ou au contraire parti prenante, d'un certain nombre de connaissances entièrement extérieures à la langue qui transmet l'information ; grâce à ces connaissances qui viennent l'interpréter, la langue prend un sens et le texte est compris. Si, dans un domaine donné, les connaissances pertinentes ne sont pas immédiatement disponibles, ni la connaissance de la langue ni la recherche éventuelle de mots dans un dictionnaire ne mèneront très loin ; la communication ne s'établira que très partiellement.

On voit que le sens est quelque chose d'individuel dont la richesse varie selon les connaissances et l'expérience de chacun. Mais le fait que pour chacun, selon ses connaissances et ses réactions propres, le sens soit spécifique, n'exclut nullement qu'une plage suffisamment vaste de ce sens soit partagée par les partenaires à la communication, si bien que celle-ci s'établit généralement sans à-coups. Le traducteur, intermédiaire entre un auteur qui veut communiquer et des lecteurs qui veulent comprendre, se situe à l'intérieur de cette plage et la restitution de l'original dans l'autre langue mettra ses lecteurs, abordant le texte munis de leurs propres compléments cognitifs, en mesure de le découvrir, chacun avec plus ou moins de richesse ou de superficialité, ressemblant en cela au lecteur de l'original. Le processus de la compréhension d'un texte est universel, la compréhension du traducteur n'en est qu'un cas particulier.

A teoria interpretativa da tradução, ao desenvolver a noção dos *complementos cognitivos* do tradutor, não esperou os avanços da tradução automática para constatar que eram necessárias à tradução, não só as designações linguísticas, mas também outras informações complementares.

Os complementos cognitivos

Ninguém, nem mesmo o tradutor ou qualquer leitor, aborda um texto sem ter algum conhecimento. Qualquer que seja a experiência de mundo de que dispomos, quer seja através de uma aproximação maior com o autor do texto ou nos depararmos pela primeira vez com um texto cuja origem desconhecemos, quer tenhamos feito pesquisas temáticas aprofundadas ou apenas um conhecimento superficial do assunto, quer sejamos um leitor fortuito ou um leitor experiente, dispomos de um certo número de conhecimentos inteiramente exteriores à língua que transmite a informação; graças a esses conhecimentos que vêm interpretá-la, a língua adquire um sentido e o texto é compreendido. Se, em uma determinada área, os conhecimentos pertinentes não estiverem imediatamente disponíveis, nem o conhecimento da língua, nem a pesquisa eventual das palavras em um dicionário permitirão ir muito longe; a comunicação só se estabelecerá parcialmente.

Vemos que o sentido é algo individual, cuja riqueza varia de acordo com os conhecimentos e a experiência de cada um. Mas o fato de o sentido ser específico para cada um, de acordo com seus conhecimentos e suas próprias reações, não exclui de forma alguma que uma parte suficientemente ampla desse sentido seja compartilhada pelos interlocutores na comunicação, tanto é que geralmente essa comunicação se estabelece sem dificuldades. O tradutor, como intermediário entre um autor que quer comunicar e leitores que querem compreender, se situa dentro desse espaço e a restituição do original em outra língua colocará seus leitores, ao abordarem o texto com seus próprios complementos cognitivos, aptos a descobri-lo, cada um com mais ou menos riqueza ou superficialidade, se assemelhando assim ao leitor do texto original. O processo de compreensão de um texto é universal, enquanto que a compreensão do tradutor é apenas um caso particular.

Le sens

La compréhension d'un sens se construit donc par la fusion de ce qui d'une part se dégage de la langue actualisée par le texte et de ce qui de l'autre est apporté par les connaissances pertinentes du récepteur.

Comment avons-nous étudié l'opération psychique qui constitue le sens, alors que ne sont manifestes que la base de départ : le texte original, et la plate-forme d'arrivée : la version traduite ? Les démarches intellectuelles du traducteur, ses recherches, ses tâtonnements ne transparaissent pas dans son texte et ne sont que très partiellement révélés par ses brouillons. C'est l'interprétation de conférence qui en a découvert le cheminement.

La traduction orale se prête en effet plus aisément à l'examen détaillé du processus que la traduction écrite car la parole orale est fugitive et les sons en disparaissent très vite ; seul, le sens qu'ils apportent reste présent. On constate, à voir l'expression de ce sens en une autre langue, qu'il est la fusion de deux composantes : sèmes actualisés et compléments cognitifs (Lederer, 1981).³

L'enregistrement de la traduction orale d'un discours énoncé oralement permet de suivre en direct, à travers la restitution dans l'autre langue, le déroulement de la compréhension de ce discours avec ses à coups, ses attentes, ses rectifications, l'expression de l'interprète étant le reflet direct de sa compréhension beaucoup plus que le passage d'une langue à une autre.

Les unités de sens

L'examen minutieux, seconde par seconde, d'une interprétation simultanée réussie montre comment les sons de petits segments d'énoncé livrent leur partie de message et basculent dans l'oubli immédiatement après ; le sens d'un discours se construit par petites touches, par fragments d'énoncés plus ou moins longs que nous appelons *unités de sens*. Les unités de sens ne sont pas mesurables quantitativement ; elles prennent vie lorsqu'un nombre suffisant de mots rencontre les connaissances pertinentes qui leur donneront une existence éphémère ;

³ LEDERER. *La traduction simultanée, expérience et théorie*, 1981.

O sentido

A compreensão de um sentido se constrói, então, pela fusão do que a língua atualizada pelo texto revela, assim como pelos conhecimentos pertinentes do receptor.

Como podemos estudar a operação psíquica que constitui o sentido, sendo que só aparecem: a base inicial – o texto original e a plataforma final – a versão traduzida? Os processos intelectuais do tradutor, suas pesquisas, suas hesitações não transparecem no seu texto e são reveladas apenas, bem parcialmente, por seus rascunhos. Foi a interpretação de conferência que descobriu esse percurso.

De fato, a tradução oral é mais adequada para a análise detalhada do processo do que a tradução escrita porque o discurso oral é fugaz e seus sons desaparecem rapidamente; somente o sentido que eles trazem permanecem. Constatamos, vendo a expressão desse sentido em outra língua, que ele é a fusão de dois componentes: semas atualizados e complementos cognitivos.⁴

A gravação da tradução oral de um discurso enunciado oralmente permite acompanhar simultaneamente, por meio da restituição em outra língua, o desenvolvimento da compreensão desse discurso com suas hesitações, suas expectativas, suas retificações, a expressão do intérprete sendo o reflexo direto de sua compreensão muito mais do que a passagem de uma língua para outra.

As unidades de sentido

A análise minuciosa, a cada segundo, de uma interpretação simultânea bem-sucedida mostra como os sons dos pequenos segmentos de um enunciado revelam uma parte de sua mensagem e são esquecidos imediatamente; o sentido de um discurso se constrói por pequenas etapas, por fragmentos de enunciados relativamente longos que chamamos *unidades de sentido*. As unidades de sentido não são mensuráveis quantitativamente; elas ganham vida quando um número suficiente de palavras encontra os conhecimentos pertinentes que lhes darão uma existência efêmera;

⁴ Livro ainda sem tradução para o português.

les unes après les autres elles s'agrègent à ce qui a déjà été retenu, formant ainsi un sens plus général, celui que chacun retient lorsque l'orateur a fini de parler.

L'interprétation a ceci de particulier par rapport à la compréhension en général qu'elle saisit et restitue chaque unité de sens, montrant ainsi dans le détail la nature du processus du passage des signes phoniques à la compréhension d'un discours.

De l'observation du passage des sons au sens, il est légitime de conclure à ce qui se passe de la graphie au sens. L'interprétation apporte ainsi la preuve que le processus de toute traduction s'effectue en trois étapes : *la compréhension d'un sens*, dont nous avons vu comment il se constitue, *une phase de déverbalisation*, c'est-à-dire d'oubli des mots et des phrases qui ont fait naître le sens, pendant laquelle celui-ci subsiste sans support linguistique et *l'expression de ce sens* dans l'autre langue.

La déverbalisation

Clairement visible en interprétation, la deuxième étape, celle de la déverbalisation est difficile à détecter dans le processus de la traduction écrite ; elle n'en existe pas moins ; elle est la prise de conscience par le traducteur de ce qu'un auteur veut dire dans un passage donné. Elle est cependant moins naturelle dans l'opération écrite que dans l'oral. En effet la rémanence têtue du texte original dont les formes veulent survivre à tout prix appelle la recherche de correspondances directes qui s'opposent à la découverte d'équivalences satisfaisantes.

La conception naïve qui voit dans les langues des nomenclatures et dans la traduction le calque de l'une sur l'autre n'a pas fini de faire sentir ses effets. Que de fois ne se laisse-t-on aller à parler français en anglais ou à écrire hébreu en français, ce qui évite d'avoir à interpréter...

L'expression

Or, déverbaliser un instant le passage compris afin de retrouver une capacité d'expression non teintée d'étranger est un gage de réussite de la traduction-résultat. En effet les langues sont différentes non seulement dans leur lexique, dans leur grammaire mais aussi dans la façon dont ceux qui les parlent expriment leurs pensées.

uma após a outra se agrega ao que já foi retido, formando assim um sentido mais geral, aquele que cada um reteve quando o orador terminou de falar.

A interpretação tem essa particularidade em relação à compreensão geral: ela capta e restitui cada unidade de sentido, mostrando assim, em detalhe, a natureza do processo da passagem de signos fônicos à compreensão de um discurso.

Da observação da passagem dos sons ao sentido, é legítimo tirar uma conclusão do que acontece na passagem da grafia para o sentido. Dessa maneira, a interpretação comprova que o processo de toda tradução se faz em três etapas: *a compreensão de um sentido* e de como ele se constitui, *uma fase de desverbalização*, ou seja, esquecendo as palavras e as frases que geraram sentido, fase durante a qual ele subsiste sem suporte linguístico e *a expressão desse sentido* na outra língua.

A desverbalização

Claramente visível na interpretação, a segunda etapa, a da desverbalização, é difícil de detectar num processo de tradução escrita; mas ela existe; ela é a tomada de consciência pelo tradutor do que um autor quis dizer em um determinado trecho. Contudo, ela é menos natural na operação escrita do que na oral. De fato, a remanescência insistente do texto original, cujas formas querem sobreviver a qualquer preço, pede correspondências diretas que se opõem a descoberta de equivalências satisfatórias.

A concepção ingênua que vê nas línguas apenas nomenclaturas e na tradução a cópia de uma língua para outra continua tendo seus efeitos. Quantas vezes nos pegamos a falar um francês calcado no inglês ou a escrever um hebraico calcado no francês, evitando com isso ter que interpretar...

A expressão

Desse modo, desverbalizar por um momento o trecho já compreendido para conseguirmos uma capacidade de expressão sem estrangeirismos é condição indispensável para se obter uma boa tradução. De fato, as línguas são diferentes não apenas do ponto de vista lexical e gramatical, mas também na forma pela qual os falantes expressam seus pensamentos.

Nous avons, il y a quelques années, développé l'idée que toute parole est synecdoque et que le même sens impose dans les langues différentes des synecdoques différentes.⁵ De là vient la nécessité pour le traducteur qui veut se faire comprendre aisément de lecteurs ne connaissant pas la langue originale, de se détacher de la façon dont celle-ci impose ses contraintes à l'expression du sens, pour le transmettre sous une forme immédiatement acceptable et donc forcément différente d'un transcodage direct.

La troisième étape du processus de la traduction sera donc la recherche d'une expression qui rende justice au sens de l'original et qui, dans sa formulation, réussisse le divorce d'avec la langue de départ et respecte totalement les usages, les habitudes de parole de l'autre langue.

Le caractère universel de la théorie interprétative

On pensera que la théorie interprétative de la traduction, valable pour la traduction fonctionnelle, celle des rapports économiques, politiques, techniques ou scientifiques, celle des notes de travail, celle des brochures de vente, ne sauraient s'appliquer à la traduction littéraire ou poétique. Nos recherches ont certes jusqu'à présent porté en majeure partie sur des textes fonctionnels. Cependant, et sous réserve de travaux plus élaborés, rien ne nous semble s'opposer à son application à d'autres catégories de textes.

A condition de considérer que le transfert d'éléments linguistiques d'un texte à l'autre n'est pas de la traduction mais du transcodage, dont les visées sont autres (faire sentir au lecteur du texte n° 2 les particularités de la langue du texte n° 1) et de définir le résultat de la traduction, comme nous l'avons fait plus haut, comme un texte qui doit produire chez ses lecteurs le même effet cognitif et émotif que le texte original chez les siens, aucun obstacle ne semble a priori s'opposer à l'application de la théorie interprétative à la littérature ou à la poésie.

L'élément limitatif à la réussite de ces catégories de traduction sera non pas la ou les langues, mais les goûts ou le talent de l'individu qui traduit. Tous les enfants qui apprennent à parler ne deviennent pas

⁵ LEDERER. *Synecdoque et traduction*, 1976.

Há alguns anos, desenvolvemos a ideia de que toda palavra é sinédoque e que o mesmo sentido impõe, em línguas diferentes, sinédoques diferentes.⁶ Daí a necessidade para o tradutor, que quer se fazer entender facilmente pelos leitores que não conhecem a língua original, de se desprender da maneira pela qual essa língua impõe suas restrições à expressão do sentido, e transmiti-lo de uma forma imediatamente aceitável e portanto diferente de uma transcodificação direta.

A terceira etapa do processo de tradução será portanto a busca de uma expressão que faça justiça ao sentido do texto original e que, na sua formulação, consiga se diferenciar da língua de partida respeitando inteiramente os usos e os hábitos de fala da outra língua.

O caráter universal da teoria interpretativa

Poderíamos pensar que a teoria interpretativa da tradução, válida para a tradução funcional, ou seja, a das relações econômicas, políticas, técnicas ou científicas, a das anotações de trabalho, a dos folhetos publicitários, não poderia se aplicar à tradução literária ou poética. É verdade que nossas pesquisas até agora foram aplicadas em sua maioria a textos funcionais. Entretanto, a não ser que surjam trabalhos mais elaborados, nada parece impedir que essa seja aplicada a outras categorias de textos.

Se considerarmos que a transferência de elementos linguísticos de um texto para outro não é tradução mas transcodificação, cujos objetivos são diferentes (fazer com que o leitor do texto nº 2 perceba as particularidades da língua do texto nº 1) e se definimos o resultado da tradução, como fizemos acima, isto é, como um texto que deve produzir nos leitores o mesmo efeito cognitivo e emotivo que o texto original produz em seus leitores, *a priori* nenhum obstáculo parece opor-se à aplicação da teoria interpretativa à literatura ou à poesia.

O elemento que influi no bom resultado de uma tradução não está relacionado com uma determinada língua, mas, sim, com o gosto ou o talento do indivíduo que traduz. Nem todas as crianças que aprendem a falar se tornam

⁶ Livro ainda sem tradução para o português.

des maîtres de l'art oratoire ; quiconque sait rédiger n'est pas pour autant écrivain. Tout traducteur ne possède pas forcément les aptitudes nécessaires pour atteindre au degré esthétique de l'écriture et pratiquer avec succès la traduction littéraire ou poétique. Quelles que soient néanmoins les disparités individuelles entre traducteurs, le processus dans son principe, qui consiste à comprendre et à exprimer la charge cognitive et émotive d'un texte est le même pour tous les textes ; seules varient des uns aux autres les proportions nécessaires de savoir qui permet la traduction technique ou de dons qui mènent à la création artistique. Celle-ci n'est pas du ressort d'une théorie de la traduction, même si elle la concerne, mais de celui de la théorie de la littérature ou de la poétique.

Pour conclure, la théorie interprétative de la traduction se détourne résolument des problèmes anecdotiques de la traduction ainsi que des difficultés linguistiques des traducteurs, pour faire du processus interprétatif de l'homme traduisant la clé de voûte de son système.

Bibliographie

DELISLE, Jean. *L'analyse du discours comme méthode de traduction*. Ottawa : Editions de l'Université d'Ottawa, 1980. (Cahiers de traductologie, 2).

LAVAUULT, Elisabeth. *Fonctions de la traduction en didactique des langues*. Paris : Didier Erudition, 1987.

LEDERER, Marianne. *La traduction simultanée, expérience et théorie*. Paris : Lettres Modernes Minard, 1981.

LEDERER, Marianne. *Synecdoque et traduction*. Paris : Didier, 1976.

MOUNIN, Georges. Syntaxe et traduction. In : _____. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris : Gallimard, 1963. p. 273-274. (Collection Bibliothèque des Idées).

SELESKOVITCH, Danica. *L'interprète dans les conférences internationales : problèmes de langage et de communication*. 2. ed. Paris : Lettres Modernes Minard, 1975.

SELESKOVITCH, Danica ; LEDERER, Marianne. *Interpréter pour traduire*. Paris : Didier Erudition, 1984.

mestres da arte oratória; aquele que sabe redigir não é necessariamente um escritor. Nem todo tradutor possui as habilidades necessárias para alcançar o grau estético da escrita e fazer uma boa tradução literária ou poética. Independentemente das disparidades individuais entre tradutores, a base do processo tradutório que consiste em compreender e expressar a carga cognitiva e emotiva de um texto é o mesmo para todos os textos; a variação entre os textos depende do grau de conhecimento que permite a tradução técnica ou a aptidão que conduz à criação artística. Esta não é de responsabilidade de uma teoria da tradução, apesar de estar relacionada a ela, e, sim, da teoria da literatura ou da poética.

Para concluir, a teoria interpretativa da tradução não trata absolutamente dos problemas anedóticos da tradução e nem das dificuldades linguísticas dos tradutores, pois faz do processo interpretativo do tradutor a pedra angular do seu sistema.

Referência do texto original

LEDERER, Marianne. La théorie interprétative de la traduction. *Le français dans le monde*. Recherches et applications. Paris, numéro spécial « Retour à la traduction », p. 11-20. août-sept. 1987.

L'acte de traduction

Mathieu Dosse

L'un des plus importants penseurs contemporains de la traduction nous a laissé une œuvre de taille réduite. Si l'on omet nombre d'articles, nous n'avions jusqu'à présent accès qu'à trois livres d'Antoine Berman, dont un posthume. Une œuvre restreinte, certes, mais essentielle : chacun de ces livres, à sa manière, explore sous un prisme différent la pensée de la traduction. *L'Auberge du lointain*, court et didactique, complète à merveille *L'Épreuve de l'étranger*, dont la portée ne cesse de se confirmer au fil des années ; quant à l'ouvrage posthume, paru en 1995, *Pour une critique des traductions : John Donne*, la plupart des traductologues s'accordent à dire que Berman y a esquissé les contours d'une analyse moderne des traductions (ne mettant pas systématiquement en avant la négativité de la traduction), et posé dans le même mouvement les jalons d'une pensée contemporaine de la traduction où pratique, critique et réflexion se complètent.

C'est donc avec ravissement que nous accueillons un nouveau livre d'Antoine Berman, 17 ans après son décès. Avec ravissement, mais aussi avec curiosité, et peut-être aussi une certaine crainte. Car ce que nous propose *L'Âge de la traduction*, ce n'est rien de moins que le commentaire d'un texte de 1929, référence absolue pour toute théorie moderne de la traduction, essai déjà abondamment commenté et glosé par un nombre considérable de philosophes, de traductologues et penseurs de la traduction : « La tâche du traducteur » de Walter Benjamin.

Berman dispensa en effet, dans les années 1980, au Collège International de Philosophie, un séminaire sur Benjamin. C'est ce séminaire, sous forme de cahiers, que nous retrouvons ici. Dans une note préliminaire, Isabelle Berman précise les modalités de cette publication posthume, qui s'appuie bien entendu sur les manuscrits laissés par l'auteur, mais également sur les enregistrements des séminaires, que l'on devrait bientôt pouvoir trouver en ligne. C'est donc bien Antoine Berman que nous lisons à travers les dix « cahiers » qui composent *L'Âge de la traduction*, mais il s'agit d'un Berman quelque peu différent de celui que nous avons pris l'habitude de lire. Moins travaillée, moins « écrite »,

O ato de traduzir

Tradução por Matheus Arruda e Fernanda Costa

Um dos principais pensadores contemporâneos da tradução nos deixou uma obra de tamanho reduzido. Se omitirmos diversos artigos, nós não teríamos nada além de três livros de Antoine Berman, sendo um, dentre eles, póstumo. Uma obra pequena, sem dúvida, mas essencial: cada um de seus livros, à sua maneira, explora sob um prisma diferente o pensamento da tradução. *L'Auberge du lointain*, curto e didático, completa perfeitamente *L'épreuve de l'étranger*, cujo alcance continua ao longo dos anos; quanto à obra póstuma, de 1995, *Pour une critique des traductions: John Donne*, a maior parte dos estudiosos da tradução está de acordo ao dizer que nela, Berman esboçou os contornos de uma análise moderna da tradução (sem partir do pressuposto de que a tradução é algo negativo) e propôs concomitantemente os princípios de um pensamento contemporâneo da tradução onde prática, crítica e reflexão se completam.

É, então, com entusiasmo que acolhemos um novo livro de Antoine Berman, 17 anos depois de sua morte. Com entusiasmo, mas também com curiosidade e, talvez, certo temor. Pois, o que nos propõe *L'Âge de la traduction*, é nada menos que o comentário de um texto de 1929, referência absoluta para toda a teoria moderna da tradução, ensaio já abundantemente comentado de maneira detalhada e esclarecedora por um grande número de filósofos, estudiosos e pensadores da tradução: *A tarefa do tradutor* de Walter Benjamin.

Com efeito, Berman de fato, nos anos 1980, no Collège International de Philosophie, ministrou um seminário sobre Benjamin. É esse seminário, sob a forma de cadernos, que nós encontramos aqui. Em uma nota preliminar, Isabelle Berman precisa as modalidades dessa publicação póstuma, que se baseia evidentemente nos manuscritos deixados pelo autor, mas também nas gravações dos seminários que nós deveremos, em breve, encontrar na internet. É, então, realmente Antoine Berman que nós lemos através dos dez cadernos que compõem *L'Âge de la traduction*, mas se trata de um Berman ligeiramente diferente daquele que tínhamos o hábito de ler. Menos trabalhado, menos "escrito",

la langue que nous découvrons en lisant ce nouveau livre conserve un caractère oral propice au commentaire. La réflexion elle-même n'est pas entièrement achevée, certaines idées sont à peine ébauchées. Nous y redécouvrons donc, avec plaisir, la face moins polie, plus brute, plus encline à la protension, qui était celle de Berman lorsqu'il apparaissait dans ses articles ou encore, et surtout, dans les notes de bas de page qui accompagnent ses ouvrages.

C'est donc à un commentaire attentif de « La tâche du traducteur » que nous convie Berman. Disons-le dès à présent : il s'agit sans doute d'un des commentaires les plus minutieux, l'un des plus clairs et des plus éclairants écrits en français sur le texte de Benjamin. *En français*, disons-nous, car l'intérêt de ce commentaire est précisément d'être fait par un penseur de la traduction sur le mode de la critique de traduction : Berman s'appuie bien entendu sur le texte original, mais également sur la traduction de Maurice de Gandillac, qu'il critique abondamment, n'hésitant pas à retraduire lui-même Benjamin lorsqu'il juge nécessaire. Il travaille donc *avec* traduction. C'est pourquoi ce commentaire, s'il reste pertinent pour le lecteur germanophone, n'est pas un commentaire traditionnel, où l'auteur tâcherait de commenter un texte comme s'il n'avait pas été traduit, comme si nous le lisions directement et uniquement dans sa langue originale. Ce n'est pas non plus une critique de traduction traditionnelle, où la finalité serait de rendre un verdict sur la traduction : Berman travaille avec le texte traduit et l'original de manière à ce que son commentaire repose à la fois sur la lecture de l'original et l'acte critique d'analyse de traduction. Autrement dit, son commentaire n'aurait pas été possible sans la traduction : il démontre ainsi, *par l'acte*, l'importance de la traduction, son rôle de révélateur, non seulement de la pensée du langage (c'est une idée que l'on trouvera chez Henri Meschonnic), mais révélateur également de la *lettre* du texte.

Il y a une part de jouissance à voir Berman travailler de si près un texte aussi important, et sur lequel tout semble avoir été dit. *L'Âge de traduction* nous éclaire doublement : le commentaire nous renseigne autant sur Berman (sur son cheminement, sur sa pensée du traduire) que sur l'essai de Benjamin. On y reconnaît la dette du premier envers

a língua que descobrimos ao lermos esse novo livro conserva um caráter oral propício ao comentário. A reflexão em si mesma não é completamente acabada, certas ideias são no máximo esboçadas.

Por conseguinte, é com prazer que descobrimos na obra a face menos polida, mais bruta, do que a de Berman quando aparecia em seus artigos ou ainda e, principalmente, nas notas de rodapé que acompanham suas obras.

É, então, a um comentário atento de *A tarefa do tradutor* que nos convida Berman. Digamos desde já: trata-se, sem dúvida, de um dos comentários mais minuciosos, mais claros e mais esclarecedores escritos em francês sobre o texto de Benjamin. *Em francês*, pois a importância desse comentário é precisamente o fato de ser feito por um pensador da tradução no formato de uma crítica da tradução: Berman se apoia naturalmente no texto original, mas igualmente sobre a tradução de Maurice Gandillac, que ele critica amplamente, não hesitando, ele próprio, em retraduzir Benjamin quando julga necessário. Sendo assim, ele trabalha *com* tradução. É por isso que esse comentário, mesmo sendo pertinente para o leitor germanófono, não é um comentário tradicional, em que o autor comenta um texto como se ele não tivesse sido traduzido, como se nós o lêssemos diretamente e unicamente em sua língua original. Não é também uma crítica de tradução tradicional, onde a finalidade seria dar um veredicto sobre a tradução: Berman trabalha com o texto traduzido e com o original de maneira que seu comentário se baseia ao mesmo tempo na leitura do original e no ato crítico de análise da tradução. Em outras palavras, seu comentário não seria possível sem a tradução: ele demonstra assim, *pele ato*, a importância da tradução, seu papel revelador, não somente do pensamento da linguagem (uma ideia que encontraremos em Henri Meschonnic), mas igualmente revelador da *lettre* do texto.

De certa maneira, é prazeroso vermos Berman trabalhar tão de perto um texto tão importante e sobre o qual tudo parece ter sido dito. *L'Âge de la traduction* nos ilumina duplamente: o comentário nos informa tanto sobre Berman (sobre seu percurso, sobre seu pensamento do que seja "traduzir") quanto sobre Benjamin. Nela reconhecemos a dívida do primeiro para com

le philosophe allemand, mais également les divergences, les points de conflit (peu nombreux il est vrai). Plus de vingt ans après sa conception, notre lecture de ce commentaire ne peut qu'être différente de la réception faite par ceux qui ont suivi, entre 1984 et 1989, les séminaires au Collège International de Philosophie : nous ne pouvons lire aujourd'hui *L'âge de la traduction* comme un simple commentaire ; c'est aussi Berman que nous lisons à travers ces lignes.

Un travail sur la lettre

Quelle est la particularité de ce commentaire, qu'est-ce qui le distingue, par exemple, du texte de Paul de Man¹ ou de ceux de Derrida² ? Berman, fidèle à la pratique du commentaire, suit le texte de Benjamin paragraphe par paragraphe, et se confronte ainsi à l'opacité caractéristique de cet essai. Sans prétendre tout rendre clair, suivant un ordre résolument chronologique, sautant parfois des passages entiers, Berman tisse autour de « La tâche du traducteur » un réseau dense mais particulièrement éclairant. Chacun des dix « cahiers » qui composent *L'Âge de la traduction* développe un thème que Berman mène à une conclusion provisoire, avant de le reprendre au premier paragraphe du cahier qui suit. Il est donc aisé de suivre son raisonnement, malgré quelques passages déroutants. « La tâche du traducteur » nous apparaît grâce à Berman en tant que texte structuré, dont nous comprenons les liens logiques.

Nous donnerons plus loin des exemples du procédé utilisé par Berman, qui consiste parfois à partir d'une « erreur » de traduction de Gandillac pour arriver à expliciter la pensée de Benjamin, en montrant qu'elle est à la fois plus claire et plus audacieuse que ce que le traducteur français a pu y lire (il arrive même à Gandillac de ne pas traduire quelques phrases jugées trop paradoxales). Soulignons ici l'attention accordée par Berman à la *lettre* (terme souvent employé à tort,

¹ Paul de Man, « Conclusions : La tâche du traducteur de Walter Benjamin », in B. Byg, W. von Humboldt, P. de Man, *Autour de la tâche du traducteur*, Courbevoie, Théâtre Typographique, 2003.

² Entre autres textes, nous pouvons citer « Des tours de Babel », in: *Psyché: Invention de l'autre*, Paris:Galilée, 1987.

o filósofo alemão, mas igualmente as divergências e os pontos de conflito (que são poucos, é verdade). Mais de vinte anos depois de sua concepção, nossa leitura desse comentário é necessariamente diferente da recepção feita pelos que assistiram, entre 1984 e 1989, aos seminários no Collège International de Philosophie: através dessas linhas, não podemos ler *L'Âge de la traduction* como um simples comentário, é também Berman que nós lemos.

Um trabalho sobre a *lettre*

Qual é a particularidade desse comentário, o que o distingue, por exemplo, do texto de Paul Man³ ou dos de Derrida?⁴ Berman, fiel à prática do comentário, acompanha o texto de Benjamin parágrafo por parágrafo, e se confronta, dessa forma, com a opacidade desse ensaio. Sem pretender deixar tudo claro, seguindo uma ordem estritamente cronológica, às vezes saltando trechos inteiros, Berman tece ao redor de *A tarefa do tradutor* uma rede densa, mas particularmente esclarecedora. Cada um dos dez cadernos que compõem *L'Âge de la traduction* desenvolve um tema que Berman leva a uma conclusão provisória, retomando-a no primeiro parágrafo do caderno seguinte. Assim, é fácil seguir seu raciocínio, apesar de alguns trechos desconcertantes. *A tarefa do tradutor* aparece-nos, graças a Berman, enquanto texto estruturado, cujos elos lógicos podemos compreender.

Daremos mais adiante exemplos do procedimento empregado por Berman, que consiste às vezes em partir de um erro de tradução de Gandillac para chegar a explicitar o pensamento de Benjamin, mostrando que ele é ao mesmo tempo mais claro e audacioso que aquilo que o tradutor francês pôde ler (algumas frases julgadas muito paradoxais, Gandillac nem mesmo traduz). Convém salientar a atenção dada por Berman à *lettre* (termo frequentemente empregado erroneamente,

³ Livro ainda sem tradução para o português.

⁴ Entre outros textos, podemos citar DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*, 2006. Tradução de Júnia Barreto.

et dont nous donnons en note une définition proposée par Berman⁵). Ainsi, attentif à l'écriture benjaminienne, Berman relève l'obscurité du texte, n'hésitant pas à en souligner « l'insoutenable opacité », mais c'est pour l'attaquer de front (contrairement à Paul de Man, qui n'y voit qu'une propension à la polysémie). L'opacité n'est pas pour Berman un simple voile, détaché du « contenu » du texte ; elle en est une partie intégrante :

La pensée de Benjamin se déploie dans une dimension d'extrême conceptualité [...]. Mais ce qui la distingue avant tout est l'apparition en elle d'images fondamentales, tout aussi opaques. Benjamin pense aussi par images, et celles-ci viennent pour ainsi dire étayer sa pensée [...]. « La tâche du traducteur » est riche en images qui se détachent nettement sur le fond d'un mouvement de pensée très abstrait. De là, la nécessité d'élucider non seulement le « labyrinthe » conceptuel qu'est la réflexion de Benjamin, mais d'illuminer les « images » qui l'émaillent. (p. 28)

Berman met ici l'accent sur la *lettre*, une manière de se mouvoir du texte qui lui est indispensable, sans laquelle il ne peut exister. « Pas de lieu commun, chez Benjamin, pas d'effort pour ouvrir sa pensée au lecteur », nous dit-il plus loin, soulignant le caractère « cryptique » du texte benjaminien. Mais cette opacité n'est pas une forme de déguisement dissimulant des banalités (comme l'ont prétendu certains critiques) ; elle est au contraire un mode de fonctionnement de la pensée de Benjamin. Pour Berman, c'est cette opacité qui appelle le commentaire, et qui empêche la citation ou le résumé. Le mode de survie de « La tâche du traducteur » ne peut être que celui de la traduction et du commentaire (deux formes proches pour Berman).

Le caractère tâtonnant du commentaire (qu'on ne peut imputer au seul fait qu'il s'agisse de notes de cours non destinées telles quelles à la publication) pourrait rendre l'analyse elle-même obscure, au regard de la

⁵ « Les tendances [déformantes] que nous venons d'analyser sommairement forment un tout, qui dessine en creux ce que nous entendons par la lettre : la lettre, ce sont toutes les dimensions auxquelles s'attaque le système de déformation. » (A. Berman, *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, Paris: Seuil, 1999, p. 67).

cuja definição, proposta por Berman, encontra-se em nota de pé de página).⁶ Assim, atento à escritura benjaminiana, Berman revela a obscuridade do texto, não hesitando a sublinhar sua “insustentável opacidade”, mas é para atacá-lo de frente (contrariamente a Paul de Man que vê aí unicamente uma propensão à polissemia). A opacidade não é para Berman um simples véu, desconectado do conteúdo do texto; ela é uma parte integrante deste.

O pensamento de Benjamin se desdobra dentro de uma dimensão de extrema conceitualidade [...]. Mas o que o distingue, antes de tudo, é que surgem nele imagens fundamentais igualmente opacas. Benjamin pensa também por imagens e estas vêm, por assim dizer, sustentar seu pensamento [...] *A tarefa do tradutor* é rica em imagens que se destacam claramente no fundo de um movimento de pensamento muito abstrato. Daí, a necessidade de elucidar não somente o “labirinto” conceitual que é a reflexão de Benjamin, mas de iluminar as “imagens” que o adornam.⁷

Berman dá destaque à *lettre*, uma maneira de se mover do texto que lhe é indispensável, sem a qual ele não pode existir. “Não há lugar comum em Benjamin, nenhum esforço para abrir seu pensamento ao leitor”, ele nos diz mais adiante, salientando o caráter criptográfico do texto benjaminiano. Mas essa opacidade não é uma forma de disfarce dissimulando banalidades (como pretenderam alguns críticos); pelo contrário, é um modo de funcionamento do pensamento de Benjamin. Para Berman, é essa opacidade que incita ao comentário, e que impede a citação ou o resumo. A sobrevida de *A tarefa do tradutor* não pode ser outra senão a da tradução e do comentário (duas formas próximas para Berman).

O aspecto um pouco hesitante do comentário (não se pode explicar unicamente pelo fato de se tratar de anotações de aula sem o objetivo de

⁶ “As tendências (deformadoras) que acabamos de analisar sucintamente formam um todo, que nos permite esboçar o que entendemos por “*lettre*”: a “*lettre*”, são todas as dimensões contra as quais investe o sistema de deformação.” (BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. 144p).

⁷ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 28.

uma publicação, da maneira como se apresentam) poderia fazer com que a própria análise se tornasse obscura, em relação à

difficulté de texte commenté. Il la rend plutôt attachante. C'est même une très grande qualité de ce texte que de nous plonger dans le commentaire, comme si l'auteur le découvrait en même temps que nous. L'immersion est totale. Berman colle de si près le texte qu'il prend lui-même parfois des accents benjamins, comme s'il éprouvait une certaine difficulté de se détacher d'une pensée qui ne peut dire autrement ce qu'elle dit.

Le sujet traduisant

« La tâche du traducteur » accompagnait originellement une traduction faite par Benjamin des *Tableaux Parisiens* de Baudelaire. Antoine Berman rappelle un fait sans doute plus méconnu en France qu'en Allemagne : Benjamin n'était pas un grand traducteur. Sa traduction de Baudelaire a été ressentie par ses contemporains et par lui-même comme un échec. Nous rappelant ces faits, Berman soulève un problème singulier qui affecte tous les penseurs de la traduction (à l'exception notoire de Meschonnic, qui est à la fois un grand traducteur de la Bible et un grand penseur de la traduction, qu'il inscrit dans une théorie plus large du langage) : pratique et théorie, en matière de traduction, ne sont pas complémentaires.

Tout se passe comme si la passion spéculative que [Benjamin] portait à la traduction en général, comme si l'intérêt brûlant qu'il portait aux traductions de Hölderlin, disparaissaient dès qu'il se trouve confronté au travail concret de traduction ; celle-ci apparaît alors comme une besogne pénible, stérile et seconde. (p. 33)

Il faut ici rappeler que les traductions d'Antoine Berman lui-même (qui a traduit, entre autres, Roberto Arlt et Roa Bastos) s'éloignent franchement des critères qu'il propose, dans *L'Auberge du lointain* par exemple, pour qu'une traduction soit considérée comme une « bonne traduction ». Non qu'il s'agisse de « mauvaises traductions » ; mais ce sont des traductions tout à fait traditionnelles, qui ne font aucune violence à

dificuldade do texto comentado. Ao invés disso, ele a torna interessante. É mesmo uma qualidade muito grande desse texto, essa de nos mergulhar no comentário, como se o autor o descobrisse ao mesmo tempo em que nós. Berman se mantém tão próximo ao texto que às vezes ele mesmo toma emprestados alguns acentos benjaminianos, como se ele sentisse uma certa dificuldade em se afastar de um pensamento que não pode dizer de outra maneira aquilo que ele diz.

O sujeito que traduz

A *tarefa do tradutor* acompanha originalmente uma tradução feita por Benjamin do livro *Tableaux Parisiens* de Baudelaire. Antoine Berman lembra um fato sem dúvida menos conhecido na França que na Alemanha: Benjamin não era um grande tradutor. Sua tradução de Baudelaire foi vista por seus contemporâneos e por ele mesmo como um fracasso. Lembrando-nos desses fatos, Berman aborda um problema singular que afeta todos os pensadores da tradução (à exceção notável de Meschonnic, que é ao mesmo tempo um grande tradutor da Bíblia e um grande pensador da tradução, que ele inscreve em uma teoria maior da linguagem): prática e teoria, em matéria de tradução, não são complementares.

Tudo se passa como se a paixão especulativa que [Benjamin] manifestava pela tradução em geral, como se o interesse fervilhante que ele tinha pelas traduções de Hölderlin desaparecessem tão logo ele se depara com o trabalho concreto da tradução; esta aparece, então, como um trabalho penível, estéreo e secundário.⁸

É preciso lembrar que as traduções do próprio Antoine Berman (que traduziu, entre outros, Roberto Arlt e Roa Bastos) se distanciam francamente dos critérios que ele propõe, em *L'Auberge du lointain*, por exemplo, para que uma tradução seja considerada como uma boa tradução. Não que se tratassem de más traduções, mas são traduções absolutamente tradicionais, que não cometem nenhuma violência contra

⁸ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 33.

la langue traduisante.⁹ On peut donc lire à travers ce passage consacré à Benjamin traducteur un questionnement propre à Berman, dont la pratique de la traduction accompagnait la pensée du traduire (comme ce fut le cas pour le philosophe allemand). Mais loin de conclure à une « inefficacité empirique » (qui ne concernerait que Benjamin) Berman en déduit une contradiction propre à l'essence de la traduction, « un abîme – qui ne doit pas être ignoré – entre l'expérience et la pensée de la traduction » (p. 35). « Abîme » qui est à mettre au compte, chez Benjamin, d'un escamotage d'autant plus paradoxal qu'il implique un mot du titre de son essai: le traducteur. Berman nous rappelle en effet que malgré ce titre trompeur, il n'est nullement question du *sujet traducteur* dans « La tâche du traducteur », mais de *traduction*. Le *traducteur* se manifeste toujours chez les penseurs traditionnels en tant qu'instance négative, en tant qu'interférence entre l'original et le texte traduit. On voudrait l'effacer, effacer ses traces. Or, la traduction est l'opération d'un sujet, l'analyse du texte traduit y révèle toujours « l'agir d'une subjectivité ». Pour Benjamin, cette « subjectivité traduisante » est un moment important de la traduction, mais un moment seulement; il faudrait, dans l'absolu, s'en passer. Berman conclut ainsi, après avoir signalé que le titre de l'essai pourrait être « La tâche de la *traduction* », mais que Benjamin a malgré tout intitulé son texte « La tâche du *traducteur* » : « Benjamin pointe [ainsi] le fait que la subjectivité traduisante est un moment essentiel de la traduction. Mais [...] la *tâche* de ce traducteur n'est aucunement *éthique* pour lui. Il laisse ce moment totalement impensé, suivant en cela une longue tradition » (p. 35).

Malgré cet appel en faveur d'une pensée du sujet traduisant, appel qu'il réitérera dans *Pour une critique des traductions*, Berman n'a jamais vraiment pris la question à bras le corps. En revanche la dimension *éthique* est un thème bermanien entendu.

⁹ On peut à ce sujet lire l'avant-propos d'Isabelle et Antoine Berman sur leur traduction des *Sept Fous* de Roberto Arlt, publiée pour la première fois en 1981 (Paris: Seuil, coll. « Points », 1994, p. 15).

a língua utilizada na tradução.¹⁰ Portanto, podemos ler através desse trecho dedicado a Benjamin como tradutor um questionamento próprio a Berman, para quem a prática da tradução acompanhava o pensamento acerca do ato de traduzir (como foi o caso do filósofo alemão). Mas longe de determinar uma “ineficácia empírica” (que só diz respeito a Benjamin), Berman deduz que se trata de uma contradição própria à essência da tradução, “um abismo – que não deve ser ignorado – entre a experiência e o pensamento acerca do ato de traduzir”. “Abismo” que é camuflado por Benjamin através de uma dissimulação mais paradoxal ainda porque diz respeito a uma palavra do título de seu ensaio: o tradutor. Berman de fato nos lembra que, apesar do título enganador, o assunto tratado não é de forma alguma *o sujeito tradutor* e sim a tradução, em “A tarefa do tradutor”. *O tradutor* se manifesta sempre, segundo dizem os autores tradicionais, enquanto instância negativa, com uma interferência entre o original e o texto traduzido. O objetivo é apagá-lo, remover seus vestígios. Ora, a tradução é a operação de um sujeito, a análise do texto traduzido sempre revela nele o “agir de uma subjetividade”. Para Benjamin, essa subjetividade que traduz é um momento importante da tradução, mas apenas um momento; deveríamos quase prescindir dessa subjetividade. Berman conclui, dessa forma, depois de ter observado que o título do ensaio poderia ser “A tarefa da *tradução*”, mas que Benjamin, apesar de tudo, intitulou “A tarefa do *tradutor*”: “Benjamin aponta [assim] o fato de que a subjetividade que traduz é um momento essencial da tradução. Mas [...] a *tarefa* desse tradutor não é de forma alguma *ética* para ele. Ele não tem uma reflexão sobre isso, como também não se fez antes dele”.¹¹

Apesar desse apelo em favor de um pensamento sobre o sujeito que traduz, apelo reiterado em *Pour une critique de traduction*, Berman jamais abraçou verdadeiramente o assunto. Em compensação, a dimensão *ética* é, sim, um tema bermaniano.

¹⁰ Sobre esse assunto, podemos ler o prefácio de Isabelle e Antoine Berman sobre a tradução que eles próprios fizeram de *Sept fous*, de Roberto Arlt, publicada pela primeira vez em 1981 (Paris: Seuil, coleção “Points”, 1994, p. 15).

¹¹ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 35.

Mais l'éthique, pour Berman, n'est pas tant une éthique du traducteur qu'une éthique de la *traduction*, car il s'agit pour lui d'« accueillir l'Autre en sa langue ». Il est donc intéressant de remarquer, à la lecture de *L'Âge de la traduction*, que c'est précisément au moment où il aborde la question du sujet traduisant que Berman introduit une dimension *éthique* qui est reconnue aujourd'hui comme l'un de ses thèmes majeurs.

Communication et traduction

Peut-on encore concevoir aujourd'hui la traduction comme simple acte de « passage » entre deux cultures, comme acte de « transmission » ? Vivement critiquée aujourd'hui, notamment par Meschonnic, la notion de passage, appliquée au traduire, est déjà obsolète. Il n'est par conséquent pas étonnant que le texte de Benjamin (texte fondateur, rappelons-le, de la pensée moderne de la traduction) critique déjà cette notion, qui semble être pour les théoriciens traditionnels la finalité même, la justification de la traduction. Benjamin va en réalité beaucoup plus loin.

Berman part d'une phrase, si paradoxale qu'elle n'a pas été traduite par Gandillac : « Aucun poème ne vaut pour le lecteur, aucun tableau pour le spectateur, aucune symphonie pour l'auditoire ». Pour les théories courantes du langage (contre lesquelles écrit Benjamin) le langage, l'œuvre et la traduction se définissent en termes de « communication ». Ici, l'œuvre ne présuppose plus de destinataire, « elle n'est pas "tournée" vers nous. C'est même ce qui fait que nous nous "tournons" vers elle ». Autrement dit, l'essence de l'œuvre n'est pas communication. Mais le passage que nous venons de citer, qui ouvre « La tâche du traducteur », avait déjà été longuement commenté par d'autres critiques. Tout l'intérêt du commentaire de Berman repose sur le développement qu'il poursuit à la suite de ces réflexions :

Il s'agit de penser l'œuvre en elle-même et non à partir de ses effets. Ce refus de la théorie de la réception est tout à fait essentiel pour une pensée de la traduction. Car nulle part les théories (ou les idéologies) de la réception n'ont exercé autant de ravages que dans ce domaine. C'est au nom du destinataire que, séculièrement, ont été pratiquées les déformations qui dénaturent plus encore le sens de la traduction que les œuvres elles-mêmes. En fait, traduction

Mas a ética, para Berman, não é tanto uma ética do tradutor, mas sim uma ética da *tradução*, pois para ele deve-se “acolher o outro em sua língua”. Portanto, é interessante frisar, pela leitura de *L'Âge de la traduction*, que é precisamente o momento em que ele aborda a questão do sujeito que traduz que Berman introduz uma dimensão *ética* reconhecida hoje como um de seus temas mais importantes.

Comunicação e tradução

É possível ainda hoje conceber a tradução como simples ato de “passagem” entre duas culturas, como um ato de “transmissão”? Vivamente criticada atualmente, sobretudo por Meschonnic, a noção de passagem aplicada ao ato de traduzir já se tornou obsoleta. Consequentemente não é de se estranhar que o texto de Benjamin (texto fundador, convém lembrar, do pensamento moderno de tradução) já apresenta uma crítica a essa noção, que parece ser, para os teóricos tradicionais, a finalidade em si mesma e a justificativa da tradução. Na verdade, Benjamin vai muito mais longe.

Berman parte desta frase tão paradoxal que nem mesmo foi traduzida por Gandillac: “nenhum poema é feito para o leitor, nenhum quadro para o espectador, nenhuma sinfonia para o auditório”. Para as teorias da linguagem atuais (contra as quais escreve Benjamin), a linguagem, a obra e a tradução se definem em termos de “comunicação”. Aqui, a obra não pressupõe mais um destinatário, “ela não está ‘voltada’ para nós. E é por isso mesmo que nós nos ‘voltamos’ para ela. Em outras palavras, a essência de uma obra não está na comunicação. Mas o trecho que acabamos de citar, que abre *A tarefa do tradutor*, já foi muito comentado por outros críticos. Todo o interesse do comentário de Berman está baseado no que ele desenvolve após essas reflexões:

A ideia é pensar na obra em si e não a partir de seus efeitos. Essa recusa da teoria da recepção é essencial para o conceito de tradução porque nenhuma teoria (ou ideologia) da recepção exerceu tantos danos nessa questão. É em nome do destinatário que, durante séculos, e mais do que as próprias obras, foram praticadas deformações que deturparam ainda mais o sentido da tradução. Na verdade, tradução etnocêntrica e tradução hipertextual se baseiam em uma ideologia da recepção. Na verdade, a tradução

ethnocentrique et traduction hypertextuelle se fondent sur une idéologie de la réception. En fait, la traduction ethnocentrique axée sur le lecteur transforme l'œuvre en message. La critique des théories de la traduction fondées sur la réception est fondamentale pour une réflexion moderne sur la traduction. (p. 48)

Le texte de Benjamin sert de fondement, voire de justification, à la pensée bermanienne. On retrouve ainsi dans ce paragraphe l'un des thèmes principaux formulés par Berman dans *L'Auberge du lointain* : la critique de traduction ethnocentrique et hypertextuelle. Cela résume bien l'intérêt principal de *L'Âge de la traduction*, qui est de voir une pensée en action. Car les conclusions de Berman dépassent ici le cadre du simple commentaire, elles sont déjà le fruit d'une véritable *lecture* de Benjamin.

L'intraduisibilité et la finalité de la traduction

L'intraduisibilité est l'un des thèmes majeurs de la théorie de la traduction. Il divise jusqu'aux plus importants penseurs contemporains. Pour Derrida elle est une caractéristique essentielle de la traduction ; pour Meschonnic, au contraire, l'intraduisibilité n'est qu'une donnée factuelle et essentialiste : un texte n'est intraduisible que parce qu'il n'a pas *encore* été traduit. La question revêt chez Benjamin une importance majeure, car elle implique la finalité même de la traduction, comme le montre Berman dans son commentaire.

Après avoir souligné que, pour la théorie traditionnelle de la littérature, la traduction n'est pas essentielle pour l'œuvre, Berman poursuit en précisant que la traduction est, au contraire, *exigée* par l'œuvre. La traduction n'est pas « communication » et en ce sens elle n'est pas utilitaire. Sa finalité n'est donc pas de « transmettre » un message (le sens), de passer un texte d'une langue à l'autre, mais d'être *un lien entre les langues* (on retrouve ici une idée bermanienne fondamentale : « la traduction est le plus grand bouleversement qu'une langue puisse connaître dans la sphère de l'écrit ») et « d'accomplir le rapport de l'œuvre à sa langue ». On peut saisir cette dernière phrase en comprenant que la traduction s'accomplit dans « l'espace de l'intraduisibilité ». C'est-à-dire que c'est par la traduction et les re-traductions que l'œuvre est à la fois « déportée toujours plus loin de sa langue » et de plus en plus enracinée dans sa langue en apparaissant comme intraduisible.

etnocêntrica voltada para o leitor transforma a obra em mensagem. A crítica das teorias da tradução baseadas na recepção é fundamental para uma reflexão moderna sobre a tradução.¹²

O texto de Benjamin serve de fundamento ou até mesmo de justificativa ao pensamento bermaniano. Encontra-se, deste modo, nesse parágrafo, um dos principais temas formulados por Berman em *L'Auberge Du Lointain*: a crítica da tradução etnocêntrica e hipertextual. Isso resume bem o interesse principal de *L'Âge de la Traduction*, que é apresentar uma reflexão em ação, uma vez que as conclusões de Berman ultrapassam o simples comentário, pois já são fruto de uma verdadeira leitura das obras de Benjamin.

A intraduzibilidade e a finalidade da tradução

A *intraduzibilidade* é um dos principais temas da teoria da tradução. Ela divide até mesmo os mais importantes pensadores contemporâneos. Para Derrida, ela é uma característica essencial da tradução. Pelo contrário, para Meschonnic, a intraduzibilidade é apenas um dado factual e faz parte da própria essência da tradução: um texto só é intraduzível porque *ainda* não foi traduzido. Em Benjamin, essa questão é da maior importância, pois ela implica na própria finalidade da tradução, como demonstra Berman em seu comentário.

Depois de salientar que, para a teoria tradicional da literatura, a tradução não é essencial à obra, Berman prossegue destacando que a tradução é, pelo contrário, *exigida* pela obra. A tradução não é "comunicação" e nesse sentido não é utilitária. Sua finalidade não consiste pois em "transmitir" uma mensagem (o sentido), passando um texto de uma língua a outra, mas sim em ser um elo *entre as línguas* (aí encontramos uma ideia bermaniana fundamental: "a tradução é a maior transformação que uma língua pode conhecer na esfera da escrita") e "fazer a relação da obra com a sua língua". Podemos entender então por essa última frase que a tradução se realiza no "espaço da intraduzibilidade". Ou seja, é pela tradução e retraduições que a obra é ao mesmo tempo "deportada para cada vez mais longe de sua língua" e cada vez mais enraizada em sua língua aparecendo como intraduzível.

¹² BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 48.

Prenant Benjamin au pied de la lettre, Berman conclut que la vraie finalité de la traduction apparaît lorsqu'on se questionne sur l'*utilité* de la traduction dans le cas où l'on pourrait lire l'original. Pour lui la traduction serait toujours aussi indispensable pour l'œuvre et notre rapport à elle. En somme la traduction *enrichit* l'œuvre : « Car la traduction est surtout faite pour ceux qui peuvent lire l'original : c'est dans le va-et-vient entre l'original et traduction(s) que se réalise pleinement notre rapport à l'œuvre étrangère ». Contre l'idée de passage, de transmission ou de communication, Berman fait de la traduction un *acte* qui agit sur l'œuvre, et sans lequel l'œuvre serait incomplète. La traduction *met à l'épreuve* la traduisibilité de l'œuvre.

Ce que l'œuvre appelle de toutes ses forces, pour que la signification immanente à sa traduisibilité s'actualise, c'est bien l'acte de traduction. Mais ce qu'elle considère avec une indifférence ironique, comme si cela ne la concernait en rien, c'est la traduction comme résultat. (p. 68)

En apparence plus benjaminienne que bermanienne, cette conclusion doit être comprise comme un vrai *moment de vérité* de la part de Berman ; moment qui éclaire peut-être toute son œuvre. Car la vraie puissance d'une traduction se révèle pour lui précisément au moment où elle cesse d'être *utilitaire*, ou l'on peut la confronter à l'original et mettre ainsi au jour *la lettre* de cet original. Ainsi, l'intraduisibilité est pour Benjamin (peut-être pour Berman également) une *caractéristique* de l'œuvre. L'œuvre n'est traduisible que par couches : chaque couche révèle une couche inférieure *intraduisible* à son tour... jusqu'à ce qu'elle soit elle-même traduite et révèle une nouvelle couche. Il existe pourtant peut-être un « noyau » d'intraduisibilité ; certaines œuvres en tout cas ne se laissent pas traduire.

Il est intéressant de voir comment Berman sort parfois du cadre du commentaire et interprète le texte, comme il le fait par exemple à propos de cette phrase de Benjamin : « *Quand la visée d'intraduisibilité l'emporte décisivement sur la visée de traduisibilité, l'œuvre s'effondre comme œuvre.* » Si l'on excepte son vocabulaire typiquement benjaminien, cette

Levando Benjamin ao pé da letra, Berman conclui que a verdadeira finalidade da tradução aparece quando se questiona sobre a *utilidade* da tradução, no caso em que se poderia ler o original. Para ele, a tradução será sempre indispensável para a obra e nossa relação com ela. Em suma, a tradução *enriquece* a obra: “Porque a tradução é, sobretudo, feita para aqueles que podem ler o original: é nesse vai e vem entre o original e tradução(ões) que se realiza plenamente nossa relação com a obra estrangeira.” Contra a ideia de passagem, de transmissão ou de comunicação, Berman faz da tradução um *ato* que age sobre a obra e sem o qual a obra seria incompleta. Enfim, a tradução *coloca à prova* a traduzibilidade da obra.

O que a obra demanda com todas suas forças, para que a significação imanente à sua traduzibilidade se atualize, é exatamente o ato de traduzir. Contudo, o que ela considera com uma indiferença irônica, como se isso não lhe dissesse respeito, é a tradução como resultado.¹³

Aparentemente mais benjamiana do que bermaniana, essa conclusão deve ser compreendida como um autêntico *momento de verdade* por parte de Berman, o momento que talvez esclareça toda a sua obra. Pois, o verdadeiro poder de uma tradução revela-se para ele precisamente no momento em que ela cessa de ser *útil* ou que se pode confrontá-la com a obra original e destacar, desta maneira, a *lettre* desse original. Assim, a intraduzibilidade é para Benjamin (e talvez igualmente para Berman) uma *característica* da obra. A obra é traduzível apenas por camadas: cada camada revela uma camada inferior, que é por sua vez, *intraduzível*... até que ela seja, ela própria, traduzida e revele uma nova camada. Contudo, subsiste uma pequena porcentagem de intraduzibilidade; certas obras em todo caso não se deixam traduzir.

É interessante ver como Berman sai por vezes do comentário e interpreta o texto, como ele faz, por exemplo, em relação a esta frase de Benjamin: “Quando o aspecto de intraduzibilidade é mais forte do que a própria traduzibilidade, a obra deixa de existir como obra”. Excetuando-se o vocabulário tipicamente benjaminiano, essa

¹³ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 68.

phrase est d'une compréhension aisée. Benjamin signale ici simplement le fait que certaines œuvres sont par essence intraduisibles et que cette intraduisibilité, que ce type d'intraduisibilité foncière, leur est nocif. Or, Berman va plus loin et donne un exemple pour le moins discutable : la musicalité de l'œuvre.

D'une manière générale, il faut poser la musicalité comme l'élément le plus intraduisible d'une œuvre, mais aussi comme celui qui, jamais, ne doit dominer si elle veut rester œuvre. En exaltant la musicalité latente de sa langue, l'œuvre perd son rapport à sa langue natale. Elle amplifie un élément de cette langue qui lui est fatal, aux dépens de sa parlance et de sa signifiante. « De la musique avant toute chose » est un principe fatal pour l'œuvre de langage. C'est le noyau de parlance ou de signifiante d'une œuvre qui doit être intraduisible (parce que quelque part cet intraduisible peut se renverser en traduisible), non son noyau de musicalité, qui représente l'intraduisibilité absolue d'une dimension opaque, muette et insignifiante dans sa vague infinité. (p. 70)

Cette longue citation met au jour certains moments du commentaire où, ne sachant plus tout à fait si Berman glose, commente ou interprète le texte benjaminien, nous sommes un peu perdus.

Car il y aurait beaucoup à dire de ces affirmations terribles (surprenantes en tout cas). Il faudrait par exemple les confronter à la théorie du rythme de Meschonnic. Mais est-ce seulement Berman qui *parle* ? Le commentaire de Berman se confond parfois avec le discours benjaminien au point que nous ne savons pas toujours savoir *qui dit quoi*. Le fait que le texte final n'ait pas été réellement rédigé par l'auteur complique notre tâche. Mais s'il ne faut pas tirer des conclusions hâtives sur Berman, il est impossible de ne pas tenter de situer ce commentaire, de l'inscrire dans son œuvre.

La « pure langue » et la multiplicité des langues

L'un des passages les plus complexes de « La tâche du traducteur » concerne le rapport entre les langues et ce concept surprenant de « pure langue ». Berman éclaire ce passage en le commentant abondamment, n'hésitant pas à en souligner les contradictions lorsque nécessaire.

frase é de fácil compreensão. Benjamin chama a atenção simplesmente para o fato de que certas obras são em sua essência intraduzíveis e que essa intraduzibilidade, não lhes é benéfica. Ora, Berman vai mais longe e dá um exemplo no mínimo discutível: a musicalidade da obra.

De uma maneira geral, deve-se colocar a musicalidade como o elemento mais intraduzível de uma obra, mas também como aquele que jamais deve dominar se ela quiser permanecer como obra. Ao exaltar a musicalidade latente de sua língua, a obra perde sua relação com a sua língua natal. Ela amplifica um elemento dessa língua que lhe é fatal em detrimento do seu significado. "A música antes de todas as coisas" é um princípio fatal para a obra que utiliza a linguagem. É a essência do significado de uma obra que deve ser intraduzível (porque, de alguma forma, esse intraduzível pode se reverter em traduzível); não a sua essência de musicalidade, que representa a intraduzibilidade absoluta de uma dimensão opaca, muda e insignificante em sua vaga infinidade.¹⁴

Essa citação longa revela certos momentos do comentário em que, não sabendo mais exatamente se Berman critica, comenta ou interpreta o texto de Benjamin, perdêmo-nos um pouco. Porque ele teria muito a dizer a respeito dessas afirmações terríveis (pelo menos, surpreendentes). Seria necessário, por exemplo, confrontá-las à teoria do ritmo de Meschonnic.

Mas é somente Berman que *fala*? O comentário de Berman se confunde por vezes com o discurso benjaminiano a tal ponto que nós nem sempre podemos saber quem diz o quê. O fato de o texto final não ser realmente redigido pelo autor complica nossa tarefa. Mas não devemos tirar conclusões precipitadas sobre Berman, é impossível não tentar situar esse comentário e inscrevê-lo em sua obra.

A "pura língua" e a multiplicidade de línguas

Um dos trechos mais complexos de *A tarefa do tradutor* diz respeito à relação entre as línguas e esse conceito surpreendente de "pura língua". Berman esclarece esse trecho comentando-o abundantemente, não hesitando em ressaltar suas contradições quando necessário.

¹⁴ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 70.

La distinguant tout d'abord de la « langue pure » de Valéry, Berman précise le caractère oral de la « pure langue » de Benjamin. Celle-ci est faite de la réunion des fragments de langues que sont les langues naturelles. La métaphore employée par Benjamin est parlante : les langues naturelles sont comme les fragments d'un même vase brisé : pris séparément ils sont dissemblables ; mais ils peuvent, ensemble, compléter une figure plus vaste.

La multiplicité des langues n'a cependant pas pour Benjamin le caractère négatif que lui prête par exemple Mallarmé. Il ne s'agit pas pour lui d'abolir cette multiplicité, de trouver ou retrouver une langue commune partagée par tous (comme l'esperanto ou l'anglais). Pour Benjamin, la pure langue est constituée du *non-dit* de toutes les autres langues ; celles-ci sont donc nécessaires, elles participent à la formation de la pure langue. Il y a, nous rappelle Berman, une conviction religieuse chez Benjamin qui est de voir en chaque langue, non un système clos, mais un fragment qui ne peut, seul, acquérir « sa véritable signification ». La véritable signification, la pure langue, ne s'acquiert que lorsque deux fragments des langues naturelles sont rassemblés. Le rôle de la traduction surgit alors pleinement : il est de faire apparaître cette pure langue. Si la finalité de la traduction est, pour Benjamin, de faire apparaître la pure langue, l'original n'est qu'un prétexte pour cet accomplissement messianique. Il rejoint Berman, qui accorde également, on le voit dans *L'Epreuve de l'étranger*, une importance extrême à la langue, au détriment parfois de l'œuvre et du discours.

L'acte de traduction a pour les deux philosophes une finalité propre : celle de *transformer* la langue traduisante. C'est pour Benjamin, mais sans doute aussi pour Berman, un acte religieux. En témoigne un paragraphe du commentaire, peut-être l'un de ses passages les plus étonnants, où Berman affirme que « commentaire et traduction sont religieux par essence », au sens où dans la traduction (de la lettre) la langue traduisante se transforme au contact de l'autre, elle « devient religieuse ».

La langue étrangère réceptacle du « sacré » s'imprime en elle, la marque de son empreinte. Par la traduction, elle devient « vase » et

Distinguindo-a primeiramente da “língua pura” de Valéry, Berman salienta o aspecto oral da “pura língua” de Benjamin. Essa é feita da reunião de fragmentos de línguas que são as línguas naturais. A metáfora empregada por Benjamin é significativa: as línguas naturais são como os fragmentos de um mesmo vaso quebrado: observados separadamente, são dessemelhantes, mas juntos, podem completar uma figura maior.

A multiplicidade das línguas, entretanto, não tem para Benjamin o caráter negativo que lhe atribui, por exemplo, Mallarmé. Para ele, não se deve abolir essa multiplicidade (encontrar e reencontrar uma língua comum partilhada entre todos, como o esperanto ou o inglês). Para Benjamin, a pura língua é constituída pelo *não dito* de todas as outras línguas que são, portanto, necessárias por participarem da formação da pura língua.

Existe, como bem nos lembra Berman, uma convicção religiosa em Benjamin que consiste em ver, em cada língua, não um sistema fechado, mas um fragmento que não pode, sozinho, adquirir “sua verdadeira significação”. A verdadeira significação, a pura língua, só se adquire quando dois fragmentos das línguas naturais são reunidos.

O papel da tradução surge então plenamente: é fazer aparecer essa pura língua. Se a finalidade da tradução é, para Benjamin, fazer aparecer a pura língua, o original é apenas um pretexto para realizar essa missão messiânica.

Nesse sentido, ele se aproxima de Berman (como se vê em *L'Épreuve de l'étranger*), que atribui uma importância extrema à língua, em detrimento, às vezes, da obra e do discurso.

O ato de traduzir tem para os dois filósofos uma finalidade própria: a de transformar a língua que traduz. É para Benjamin e sem dúvida também para Berman um ato religioso, uma vez que este afirma em um parágrafo de seu comentário – talvez um de seus trechos mais surpreendentes – em que Berman afirma que “comentário e tradução são, em sua essência, religiosos”, no sentido em que na tradução da *lettre* a língua que traduz se transforma no contato com a outra, ela “torna-se religiosa”.

A língua estrangeira recipiente do “sagrado” imprime nela a sua marca. Pela tradução, ela se torna “vaso” e

« réceptacle » d'une « parole » qui est à la fois toute entière contenue dans sa langue d'origine et ne cesse de vouloir en déborder. (p. 130)

Ceci n'est vrai que lorsque la traduction est traduction de la *lettre*, propos bermanien entendu. De fait, l'opposition traditionnelle, et peut-être caduque, entre *sens* et *lettre* a fait de Berman un tenant de la lettre. Sans doute a-t-il dû, on le voit clairement dans son commentaire, combattre la prédominance du *sens*, et de la traduction comme transport du sens. « La tâche du traducteur » est un texte clef parce qu'il relègue la question du sens au second plan. Il n'y pas un choix, pour Benjamin, entre *sens* et *lettre*, mais, contre la tradition historique, il fait de la traduction un acte de « libération » du sens, de son poids. Il n'est donc pas étonnant que Berman ait été saisi à la lecture de ce texte fondateur.

Nous n'avons que relevé quelques thèmes majeurs de ce commentaire illuminé, qui trouvera manifestement sa place dans toute bibliographie sur la pensée de la traduction. Il faut encore une fois saluer le travail d'Isabelle Berman et Valentina Sommella, qui ont permis que ce livre soit publié sous sa forme actuelle. On y voit l'un des plus importants penseurs de la traduction en prise avec un texte fondateur, dont la complexité a sans doute rebuté de nombreux lecteurs. Un commentaire aussi précis et riche ne pourra que nous inciter à y replonger, à redécouvrir une pensée dont la puissance ne cesse de se réactualiser.

Bibliographie

BERMAN, Antoine. *L'Âge de la traduction*: « La tâche du traducteur » de Walter Benjamin, un commentaire. Paris : Presses Universitaires de Vincennes, 2008.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris : Seuil, 1999.

DERRIDA, Jacques. Des tours de Babel. In: _____. *Psyché*: Invention de l'autre. Paris: Galilée, 1987. p. 203-226.

MAN, Paul de. Conclusions : « La Tâche du traducteur » de Walter Benjamin. *TTR : traduction, terminologie, rédaction*, Québec, v. 4, n. 2, p. 21-52, 2. sem. 1991. *apud* MAN, Paul de; HUMBOLDT, Wilhelm von; BYG, Barton. *Autour de la tâche du traducteur*, Courbevoie (Hauts-de-Seine): Théâtre Typographique, 2003.

“recipiente” de uma “parole” que está ao mesmo tempo, inteiramente contida na língua de origem e continuamente querendo transbordar.¹ Isso só é verdade quando a tradução é a tradução da *lettre*, segundo Berman. De fato, a oposição tradicional, e talvez caduca, entre o *sentido* e a *lettre* fez de Berman um defensor da *lettre*. Provavelmente ele teve, como se vê claramente em seu comentário, que combater a predominância do sentido e da tradução como transportadora do sentido.

“A tarefa do tradutor” é um texto chave porque relega a questão do sentido em segundo plano. Não há escolha, para Benjamin, entre sentido e *lettre*, mas, ao contrário da tradição histórica, ele faz da tradução um ato de “libertação” do sentido, de seu peso. Não é, pois, de se estranhar a reação de Berman diante da leitura desse texto fundador.

Destacamos aqui apenas alguns temas de maior importância desse comentário iluminado, que encontrará seu lugar em toda bibliografia sobre o pensamento acerca do ato de traduzir. Contudo, deve-se mais uma vez reverenciar o trabalho de Isabelle Berman e Valentina Sommella que permitiram que esse livro fosse publicado na sua forma atual. Vê-se um dos mais importantes pensadores da tradução às voltas com um texto fundador, cuja complexidade sem dúvida desencorajou muitos leitores. Enfim, um comentário tão preciso e rico nos incita a redescobrir um pensamento cuja força não cessa de se reatualizar.

Referência do texto original

DOSSE, Mathieu. L'acte de traduction. *Acta fabula*, [S. l.], v. 10, n. 2, fév. 2009. Disponível em: <<http://www.fabula.org/revue/document4888.php>>. Acesso em: 16 abril 2018.

¹ BERMAN. *L'Âge de la traduction*, p. 130.

**Publicações Viva Voz de interesse para a
área de estudos sobre tradução**

**Oficina de tradução do francês: traduzindo quadri-
nhos II**

Maria Lucia Jacob (Org.)

**Relato do mestre Gregório a respeito das maravi-
lhas da cidade de Roma**

Heloísa Maria Penna (Org.)

Nathalia Tomaz de Lima (Org.)

12 retextualizações: traduções comentadas

Patrizia Collina Bastianetto (Org.)

Os livros e cardernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O32

Oficina de tradução do francês : traduzindo artigos sobre tradução
/ Organizadora: Maria Lúcia Jacob. – Belo Horizonte :
Faculdade de Letras da UFMG, 2019.
101 p.: il. (color) (p&b) . – (Viva Voz)

Edição bilingue.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7758-371-3 (digital).

ISBN: 978-85-7758-370-6 (impresso).

1. Tradução e interpretação. 2. Língua francesa – Traduções.
I. Jacob, Maria Lúcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Letras. III. Série.

CDD : 418.02



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 75 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.